

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA  
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

MARIA DE ALMEIDA SOARES

**Comunidade Quilombola Sítio Lages e o Ensino De Geografia: Experiência  
na Escola Municipal Luiz Tertuliano da Paz**

DELMIRO GOUVEIA-AL

2019

MARIA DE ALMEIDA SOARES

**Comunidade Quilombola Sítio Lages e o Ensino De Geografia: Experiência  
na Escola Municipal Luiz Tertuliano da Paz**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Campus do Sertão, como requisito para obtenção do título de licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Gama Lima

Coorientador: Prof. Me. Ricardo Santos de Almeida

DELMIRO GOUVEIA-AL

2019

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

S676c Soares, Maria de Almeida

Comunidade quilombola Sítio Lajes e o ensino de geografia: experiência na Escola Municipal Luiz Tertuliano da Paz / Maria de Almeida Soares. – 2019.

93 f. : il.

Orientação: Prof. Dr. Lucas Gama Lima.

Coorientação: Prof. Me. Ricardo Santos de Almeida.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Geografia regional. 2. Comunidade quilombola. 3. Educação escolar. 4. Escola Municipal Luiz Tertuliano da Paz. 5. Sítio Lages - Piranhas – Alagoas. 6. Ensino e aprendizagem. I. Título.

CDU: 913:373.3



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO: GEOGRAFIA – LICENCIATURA

## FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR(A): Maria de Almeida Soares

**“Comunidade Quilombola Sítio Lages e o Ensino de Geografia: Experiência na Escola Municipal Luiz Tertuliano da Paz”** - Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia - Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas – UFAL - Campus do Sertão.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Geografia -Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 23 de agosto de 2019

### Banca Examinadora:

*Lucas Gama Lima*

(Prof. Dr. Lucas Gama Lima – UFAL /Campus do Sertão)

(Orientador(a))

*Ricardo Santos de Almeida*

(Prof. Me. Ricardo Santos de Almeida – SEDUC/AL)

(Coorientador(a))

*José Alegn Roberto Leite Fechine*

(Prof. Dr. José Alegn Roberto Leite Fechine – UFAL/Campus do Sertão)

(1º Examinador(a))

*Jucileide da Silva Sobreira*

(Profa. Ma. Jucileide da Silva Sobreira)

(2ª Examinador(a))

*Para todos aqueles que acreditam na questão étnica quilombola no Brasil.*

*Dedico*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre me iluminou nesta jornada, ajudando a superar os obstáculos. E por ter me agraciado em conhecer profissionais exemplares na minha vida acadêmica.

A meus pais: Agostinho Soares da Paz e Maria Helena de Almeida Soares são mestres e sábios que me inspira a todo instante, por ter acreditado em meu potencial e incentivado mesmo sem ter o conhecimento acadêmico, mas possuem um saber inigualável. Agradeço toda confiança depositada em mim e por ter paciência ao me acompanhar. Nessa jornada que ainda não finalizou.

Aos meus sobrinhos (as) que mesmo em toda sua inocência, contribuíram com sua amável companhia, desejando minha atenção, e infelizmente não retribui como gostaria.

A minha família irmãos (as), primos (as), que direta ou indiretamente contribuíram com minha pesquisa: Jose Augusto da Paz, Ivaneide da Paz, a qual eu admiro e me espelho; José da Paz, Gilvan da Paz, Gilvanete de A. da Paz, Francinete de A. da paz, Julcinea de A. da paz, Dulcinea de A. da Paz, Jilcarlos de Almeida da Paz e, por ouvir meus questionamento e lamentações e me incentivado a não desistir em especial, Maria Ariana de Almeida Soares, Irmã e amiga que deposito total confiança, a qual admiro toda sua dedicação, coragem e vontade de viver.

Por fim, não posso esquecer-me daquelas pessoas anônimas que me ajudaram direta e indiretamente nesta pesquisa, comunidade quilombola Sítio Lages, aos idosos da comunidade memórias vivas da comunidade, alunos da Escola Luiz Tertuliano da Paz, e aqueles que estiveram sempre dispostos a me ajudar.

Ao programa de bolsa PBP por saldar minhas dívidas durante um período bom da minha vida.

**Agradeço!**

*Trabalhando o sal*  
*É amor, o suor que me sai*  
*Vou viver cantando*  
*O dia tão quente que faz*  
*Homem ver criança*  
*Buscando conchinha no mar*  
*Trabalho o dia inteiro*  
*Pra vida de gente levar [...]*  
Milton Nascimento

## RESUMO

A presente pesquisa discute os problemas enfrentados pelas comunidades remanescentes de quilombos, tendo como foco principal a Comunidade Quilombola Sítio Lages buscando a identificação do processo histórico – geográfico e a trajetória de alunos remanescente quilombola na Escola Luiz Tertuliano da Paz, e as contribuições da Geografia para a Educação Escolar Quilombola. A comunidade Quilombola Sítio Lages está localizada no estado de Alagoas, Cidade Piranhas, na qual fica no alto sertão alagoano. Nosso objetivo é identificar como a comunidade se organizou e quais contribuições da Geografia para uma educação escolar quilombola de qualidade. Em busca de uma melhor compreensão sobre o tema, utilizamos o método qualitativo e descritivo, na qual as informações foram adquiridas a partir de questionários semiestruturados e conversas informais. A identidade de todas as pessoas principalmente os mais antigos na comunidade é expressa desta forma, no cantar, dançar, contar história, entre outros. A identidade portando vincula-se à territorialidade, o ato de participar dos eventos ou de uma luta em comum. A Geografia apresenta-se como componente importante do currículo escolar, pois esta traz melhor compreensão da realidade vivenciada no espaço e no território. Ao fazer essa análise relacionada às contribuições da Geografia Escolar, a educação promover a superação do racismo por meio de uma pedagogia voltada ao um público diferenciado e que se encontra em uma minoria. Para esta análise, fez-se necessário realizar um estudo que estivesse relacionando a Comunidade Quilombola Sítio Lages com a escola que atende diretamente seus descendentes quilombolas, a Escola Municipal Luiz Tertuliano da Paz aportando-se metodologicamente na geoetnografia em pesquisas realizadas entre outubro de 2018 a abril de 2019.

**Palavras chave:** Educação Escolar. Identidade. Territorialidade



## RESUMEN

La presente investigación analiza los problemas que enfrentan las comunidades quilombolas restantes, teniendo como foco principal la Comunidad Quilombola Sítio Lages que busca la identificación del proceso histórico - geográfico y la trayectoria de los estudiantes quilombolas restantes en la Escuela Luiz Tertuliano da Paz, y las contribuciones de Geografía a Educación Escolar Quilombola. La comunidad de Quilombola Sítio Lages está ubicada en el estado de Alagoas, en la ciudad de Pirañas, donde se encuentra en las tierras altas de Alagoas. Nuestro objetivo es identificar cómo se organizó la comunidad y cuáles son las contribuciones de Geografía a la educación escolar de calidad quilombola. En busca de una mejor comprensión del tema, utilizamos el método cualitativo y descriptivo, en el que la información se adquirió de cuestionarios semiestructurados y conversaciones informales. La identidad de todos, especialmente las personas de más edad en la comunidad, se expresa de esta manera, cantando, bailando, contando historias, entre otros. Por lo tanto, la identidad está vinculada a la territorialidad, el acto de participar en eventos o una lucha común. La geografía es un componente importante del currículo escolar, ya que brinda una mejor comprensión de la realidad experimentada en el espacio y el territorio. Al hacer este análisis relacionado con las contribuciones de Geografía Escolar, la educación promueve la superación del racismo a través de una pedagogía dirigida a un público diferente y que es una minoría. Para este análisis, fue necesario realizar un estudio que relacionara a la Comunidad Quilombola Sítio Lages con la escuela que sirve directamente a sus descendientes de quilombola, la Escuela Municipal Luiz Tertuliano da Paz methodologically in geothnography in surveys conducted from October 2018 to April 2019.

**Palabras clave:** Educación escolar. Identidad. Territorialidad.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Comunidade Quilombola Lages.....	20
<b>Figura 2</b> - Mapa de localização da Comunidade Lages.....	21
<b>Figura 3</b> - Escola Municipal Luiz Tertuliano da Paz.....	26
<b>Figura 4</b> -ATA da Fundação da Comunidade Sítio Lages / Piranhas / AL (arquivo retirado da COMUNIDADE QUILOMBOLA SÍTIO LAGES. Ata nº 01.12 de junho de 2011. Acesso em 22/03/2017) .....	29
<b>Figura 5</b> - Territórios Quilombola.....	40
<b>Figura 6</b> - Comunidade Quilombola Sítio Lages: casas cedidas pelo governo.....	46
<b>Figura 7</b> - Reunião semestral com membros da comunidade Quilombola Sítio Lages.....	48
<b>Figura 8</b> - Comunidade Quilombola Sítio Lages, sentimento de pertencimento.....	54
<b>Figura 9</b> - Comunidade Quilombola Lages, símbolo de resistência e identidade da cultura negra.....	55
<b>Figura 10</b> - Escudo da escola.....	60
<b>Figura 11</b> - IDEB 2015 da escola Luiz Tertuliano da Paz.....	60
<b>Figura 12</b> - Fachada da instituição.....	62
<b>Figura 13</b> - Centro do Piau.....	62
<b>Figura 14</b> - Participação da Comunidade quilombola Sítio Lages no desfile Cívico do Distrito Piau município de Piranhas.....	63
<b>Figura 15</b> - E Representação do samba Tebéi / segmento de uma cultura.....	63
<b>Figura 16</b> - Alunos da Escola Luiz Tertuliano da Paz.....	75
<b>Figura 17</b> . Certidão de Auto reconhecimento.....	86
<b>Figura 18</b> - Identidade e aceitação cultural. Família S. P.....	89
<b>Figura 19</b> - O sertanejo que luta e vence a cada dia. Morador Z. R.....	89
<b>Figura 20</b> -Identidade da cultura negra. Morador L. S. sinônimo de coragem e resistência.....	89
<b>Figura 21</b> -Pipoca de caco, alimento ate hoje usado na mesa dos moradores da Comunidade Quilombola Sitio Lages.....	89
<b>Figura 22</b> -Alunos construindo um mapa mental da comunidade quilombola ate a escola.....	90
<b>Figura 23</b> - Construção de um desenho representando a comunidade quilombola Lages.....	90

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> Elementos associados aos valores da comunidade.....	38
<b>Quadro 2.</b> Sobrenomes das famílias na comunidade.....	43
<b>Quadro 3.</b> Propostas para mudanças nos termos utilizados nos livros didáticos.....	73
<b>Quadro 4.</b> Entrevista semiestruturada, concedida pela antiga presidente da comunidade.....	87

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1.</b> Alunos quilombolas e não quilombolas do turno vespertino, da EMLTP.....	76
<b>Gráfico 2.</b> Alunos que se identificam como grupos étnico-raciais.....	77
<b>Gráfico 3.</b> Alunos quilombolas que foram vítimas de preconceito racial.....	77

## LISTA DE SIGLAS

ALA	Alagoas
ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
CNE	Conselho Nacional de Educação
CF	Constituição Federal
CONAE	Conferência Nacional de Educação
CEB	Câmara de Educação Básica
DCNEQ	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola
DCNGEB	Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação
EPT	Educação Para Todos
EMLTP	Escola Luiz Tertuliano da Paz
EMDANA	Escola Municipal Desembargador Antonio Nunes de Araujo
EEPJSD	Escola Estadual Professor José Sena Dias
EJA	Educação para Jovens e Adultos
FCP	Fundo de Combate à Pobreza
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatístico
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
MEC	Ministério da Educação
ONU	Nações Unidas
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PCN's	Parâmetros Currículos Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. QUILOMBO SÍTIO LAGES: RESISTENCIA E A RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO.....</b>	<b>25</b>
<b>3. PROCESSO HISTÓRICO DO MOVIMENTO QUILOMBOLA.....</b>	<b>36</b>
3.1 Comunidades Quilombola Sítio Lages.....	42
3.2 O processo de Territorialização da Comunidade Lages.....	45
3.3 A identidade de uma Comunidade Quilombola.....	50
<b>4. CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DA INSTITUIÇÃO.....</b>	<b>60</b>
4.1 Distritos Piau: Escola Luiz Tertuliano da Paz .....	62
<b>5. DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA.....</b>	<b>66</b>
5.1 A Comunidade Quilombola Lages: Influência da Educação e a Geografia Escolar como um Processo de Mudança na Comunidade Quilombola.....	73
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>82</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>86</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>89</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa partiu da necessidade de análise da territorialidade da comunidade quilombola, observando-se o sentimento de pertencimento de seus integrantes, as manifestações culturais, a exemplo do samba Tebei e das canções e versos cantados, e o processo de ensino-aprendizagem na Escola Municipal Luiz Tertuliano da Paz, localizada no Distrito Piau, em Piranhas/AL.

Objetivando-se em analisar o processo de territorialidade e as contribuições do processo de ensino-aprendizagem em Geografia este estudo permite aos discentes a compreensão e reafirmação de suas identidades levando em consideração as normativas dos documentos institucionais federais educacionais e locais no que diz respeito à educação escolar. Identificou-se a origem da formação territorial e identitária da Comunidade Sítio Lages, e toda sua trajetória no processo de identidade, conquista do território e como a cultura se mantém viva na comunidade.

Este estudo é de cunho qualitativo e busca identificar os problemas enfrentados pelas comunidades remanescentes de quilombos tendo como foco principal a comunidade quilombola Lages e analisar a trajetória de alunos remanescentes de quilombo na Escola Luiz Tertuliano da Paz além de identificar o processo histórico geográfico de territorialidade da comunidade.

A pesquisa iniciou-se no período de outubro de 2018 na comunidade quilombola Lages e em 2019 na Escola Municipal Luiz Tertuliano da Paz. Nesta investigação estiveram vários sujeitos envolvidos aqueles que compõem a comunidade Lages e a Escola Municipal, onde contribuíram ao longo da análise.

De acordo com os conceitos de Comunidade Quilombola e remanescentes de quilombolas estudados em pesquisa de campo as entrevistas orais foram feitas com moradores da referida comunidade e também através da pesquisa bibliográfica. Verificamos que muitas características identificam a comunidade pesquisada como quilombola. Encontram-se presentes nos moradores locais a não afirmação como ser quilombola, devido ao preconceito racial, cultural e social que antes era pouco falado, reprimindo o negro na sociedade.

O processo de construção deste trabalho deu-se a partir da inter-relação social. Procuramos colocar em todo processo da investigação em contato com os sujeitos pesquisados, dentre eles: lideranças da comunidade, idosos, familiares, direção escolar educadores e estudantes. Dentre os critérios usados foram feitas em média 20 entrevistas e dez (10) visitas na comunidade sendo que na escola realizou cinquenta (50) entrevistas dentre alunos e gestores da escola.

Acredita-se que esses sujeitos contribuíram com seu conhecimento com o dinamismo desta pesquisa, então buscamos manter um posicionamento aberto a críticas para expandir a investigação tanto bibliográfica quanto na pesquisa de campo.

E a partir da pesquisa de campo que proporciona a realidade entre a Comunidade Quilombola e Escola, o tempo de vivência nos permitiu detalhes interpretado no decorrer da pesquisa. Para tanto realizou-se com finalidade de entender o contexto atual. E recorreremos ao uso de fontes orais em roteiros de entrevistas semiestruturadas para diferentes sujeitos da pesquisa, recorreremos a registros fotográficos e áudios na Comunidade e na Escola o uso de leitura de atas da comunidade e PPP da escola. No ponto de vista metodológico a oralidade nos permitiu registros importantes informações dos entrevistados. Recuperando a história registrada a memória dos moradores do Sítio Lages sendo mais um meio de conhecimento.

Ao participar da dinâmica da escola em seu cotidiano nos projetos, vivenciou-se a realidade vivida na EMLTP e comunidade, os instrumentos metodológicos usados foram mapas mentais, debates em sala de aula entre outros, que foram investigados nas aulas de Geografia e História.

Entretanto, além da pesquisa de campo fez-se necessário fazer uma ampla pesquisa bibliográfica desde o período colonial para compreender quais os anseios de uma Comunidade Remanescente Quilombola, não apenas a de Sítio Lages, mas de todas as comunidades do estado de Alagoas. Tendo o recorte histórico, contextualizando com a realidade local da comunidade. A seguir veremos a contextualização histórica, pontuando questões pertinentes voltada aos remanescentes quilombolas.

Observar o Brasil é perceber o quanto ele é diferenciado, pois é formado por três povos principais Indígenas, Africanos e Europeus, contribuíram para a formação do país. Esse acontecimento não se deu de uma hora para outra, harmonioso, passivo, foi



totalmente diferente, pois se tratava de um interesse europeu, com objetivo de um projeto colonial.

Os números não são precisos, mas estima-se que, entre o século XVI e meados do século XIX, mais de 11 milhões de homens, mulheres e crianças africanas foram transportadas para as Américas. Esse número não inclui os que não conseguiram sobreviver ao processo violento de captura na África e aos rigores da grande travessia atlântica. A maioria dos cativos, cerca de 4 milhões, desembarcou em portos do Brasil. Por isso nenhuma outra região americana esteve tão ligada ao continente africano por meio do tráfico como o Brasil. O dramático deslocamento forçado, por mais de três séculos, uniu para sempre o Brasil à África (ALBUQUERQUE e FRAGA FILHO, 2006, p. 40 *apud* SOUZA, 2012, p. 25).

Por muito tempo o período da colonização escravocrata esteve presente na América, os povos africanos viveram um persistente processo de retirada do direito de ser livre desde que foram forçadamente retirados de seu País. A partir desse momento, sofreram as consequências de preconceito ou sofreram perseguição étnica, política e religiosa. Milhares de africanos foram trazidos como carga em navios, onde foram obrigados a trabalhar forçado em lavouras de cana de açúcar, no qual foram estes que sustentaram a acumulação do capital e toda a expansão territorial e construção de novos espaços geográficos.

A discussão sobre o processo histórico e as relações raciais no Brasil é baseada em uma infinidade de conceito para entender como foram construídas as relações raciais no Brasil, tais conceitos como: Identidade Negra, Raça, entre outros usados para descrever e compreender a população brasileira.

O que esses conceitos vêm nos trazer, não é apenas uma teoria sobre essa questão racial, mas várias formas de interpretar a sociedade brasileira, pois o Brasil está marcado por grupos étnicos, grupos esses constituíram uma diversidade desde a colonização até a nossa atualidade, então ter conhecimento dos termos e conceitos é um norte para compreender as diferentes ideologias.

Em relação aos movimentos sociais e movimentos negros eles têm um papel importante nesse contexto, pois ali está interligada essa questão racial bem como social onde esses atores sociais destacam uma visão sobre a compreensão política, moldando e redefinindo esses conceitos ou termos na sociedade brasileira.

Percebe-se que nos movimentos sociais surge com frequentes denúncias voltada as questões raciais, além de propor e disseminar uma nova interpretação da realidade social e racial brasileira bem como de reeducar a população dentro dos centros acadêmicos e de certa forma no meio “político”. De acordo com Florestan Fernandes *apud* Ortiz, (2012) “ao tratar da questão racial no Brasil, afirmava que o brasileiro tem preconceito de não ter preconceito”.

Falar de “raça” precisamente relacionada ao negro na sua maioria gera um discurso complexo para alguns grupos brasileiros, pelo fato de não gostar de expressar sua opinião relacionada ao tema, gerando um desconforto diante da sociedade. Portanto ao fazer uma simples pergunta, sobre a qual raça sente-se pertencente. Na realidade nem sempre a resposta é positiva vinda da outra pessoa, pois não sabe responder, não se aceita enquanto negro, ou até pode acreditar que a pergunta é gracejo.

Nesse sentido a forma que se compreende essa pergunta depende, sobretudo, de que maneira foi construída a identidade racial ou étnico/racial. Entretanto, há pessoas que faz uma relação de raça com o termo racismo, que na verdade é usada para identificar ou referir ao negro, e a imagem que está posta é uma diferença entre ser negro e ser branco no Brasil. É positivo o discurso da Antropologia e várias ciências trazem estudos que contribuíram bastante para desmistificar a diferença entre o negro e branco em nosso país.

Embora tenha todas essas intervenções a favor, infelizmente ainda é pouco, pois na realidade quando discute raça ainda remete a racismo no nosso cotidiano e isso afeta diretamente ao negro pela dimensão que o assunto aborda. Nesse caso faz-se necessário compreender quando se fala em raça, ou seja, saber como falar e quando falar, para que não seja incompreendido sobre o que está falando de raça inferior ou superior. A sociedade na sua maioria age como opressora, porém não é correto curvar-se, é preciso luta.

E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperarem sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos [...]. (FREYRE, 2005, p. 33).

Percebe-se que o assunto é delicado na sociedade brasileira, pois há movimentos negros que quando discutem raça estão se referindo ao social, histórico e político com

objetivo de expor sua forma de pensar o negro no Brasil e fazem questão de discutir pelo fato de que no Brasil ainda exista o preconceito racial. É lamentável que ainda exista essa diferenciação e as opiniões que giram em torno do assunto “negro”, pois vivemos em um país que conta muito a aparência física para identificar os “bons” e “ruins”. A questão é que vivemos em uma cultura que aprendemos ver o outro na aparência e nesse caso o negro como inferior na história.

Por que isso está presente? Porque infelizmente o histórico da escravidão ainda é visto de forma negativa na vida, a trajetória de nossos descendentes vindo da África marca a história social do país. Sabe-se que mesmo depois da abolição, o Brasil sendo um dos últimos países a ceder a abolição da escravatura em 1888 com a Lei Áurea, embora haja exploração de trabalho escravo por setores que discretamente promove a desigualdade e o racismo no Brasil.

Nesse caso o racismo de forma lamentável, se afirmar a partir da própria negação e isso é contraditório, pelo fato da sociedade brasileira negar o racismo ou preconceito, mas que em atitudes prove o contrário, casos visíveis no mercado de trabalho, na universidade, na educação básica, e vivemos nessa desigualdade ao que se relaciona o étnico - racial no país. Ao analisar o livro Casa Grande e Senzala do sociólogo Gilberto Freyre (2005), não tem como negar que a sociedade foi construída basicamente a partir de trabalho escravo, precisamente na exploração do negro, onde está marcada historicamente na mestiçagem que há no Brasil.

O país enquanto nação mestiça nos leva a discutir uma série de questões como o envolvimento de portugueses com indígenas e negras baseado na violência sexual, gerando essa diversidade de raças. Então podemos perceber o que Gilberto Freyre nos traz ainda é bastante atual na sociedade brasileira sobre a relação social e racial, presente na esfera social escolar bem como política vista até como empecilho à discussão sobre o negro.

A história do Brasil é marcada por diversos processos, interpretações e enfrentamentos da questão quilombola, a ponto de não deixar dúvida sobre sua importância na projeção de trajetórias nacionais passadas, presentes e futuras. Mergulhada em inconsistências, a busca de sua compreensão exige consciência de que o percorrer de suas cartografias não permite atalhos e só se inicia no movimento de ruptura com os lugares comuns da historiografia positiva, mito da democracia racial, reducionismos conceituais e, sobretudo, com as rígidas estruturas da sociedade nacional. (MDH, 2018, p. 11).

Nesse caso, nas relações raciais no Brasil há uma obscuridade pelas diversas ideologias na democracia racial, entretanto, sabe-se que essa questão embora esteja andando de forma lenta a sociedade está mudando a forma de pensar às questões raciais, através de diálogos entre o contexto acadêmico, movimento negro e o social estão moldando essa questão.

A territorialidade dos lugares foi de grande importância para a construção de espaços de resistência com a chegada dos africanos ao Brasil, portanto desde o início se deu esse processo de territorialidade negra arquitetado por situações de conflitos tensos. Esse processo remete na atualidade um debate que nos faz refletir com um olhar retrospectivo. Pois, pode ser vista como uma realidade apenas distante, mas como um simbolismo de sua identidade no qual organiza-se em seu território em coletividade suas relações com a comunidade, é uma relação de pertencimento. Assim, não mais como um território por direito de todos remanescentes quilombolas, mas como um ambiente que estabelece uma trajetória de seus antepassados.

Na Comunidade Quilombola Sítio Lages os conflitos por terra não aconteceu, pois as terras são de herança, de acordo com as conversas informais na comunidade a aquisição de terras se deu da seguinte forma, havia terrenos sem proprietários aonde quem chegasse à determinada área poderia ocupar e ali delimitava sua terra para trabalho, a partir daí formar suas famílias, então se aquela terra estava escolhida para moradia e trabalho que chegasse não interferia assim se deu a aquisição das terras, a partir daí começaram constituir moradias, e por fim deixadas de heranças para as próximas gerações.

Essas pessoas que povoaram vieram da cidade Manari localizada no Estado de Pernambuco, os moradores não têm conhecimento de datas, mas esse pessoal fixou moradias deixando nesse território suas marcas e tradições ainda algumas delas preservadas na memória e expressadas em alguns momentos. As representações identitárias são resultado do que é produzido no território e nos lugares deixado no meio geográfico-territorial.

A identidade é, portanto, a relação econômica, culturais e política em um determinado território, e envolve evidentemente, relações afetivas e de pertencimento é algo ligado a capacidade de auto-organização dos sujeitos no local, desta forma a

identidade configura-se num patrimônio a ser preservado e valorizado pelos envolvidos diretamente na construção de sua história e por outros que podem viver nesse lugar. Podemos analisar como processos culturais que eram praticados pelos mais velhos da comunidade

A identidade de todas as pessoas principalmente os mais antigos na comunidade é expressa desta forma, no cantar, dançar entre outros, a identidade portando vincula-se à territorialidade, o ato de participar dos eventos ou de uma luta em comum. “Portanto, os territórios de identidade também são compreendidos como *territórios de produção, existência, vida, luta e resistência*” (THOMPSON, 1998; MARQUES, 2004; FERNANDES, 1996 *apud* SAQUET, 2014, p. 24).

Segundo Gomes e Reis (2012) “os quilombos são partes de um conjunto mais amplo de estratégias de sobrevivência”. Embora a desigualdade esteja presente, a resistência negra continua fortemente acesa. Os povos de comunidades remanescentes de quilombo sofrem diariamente com a desigualdade, desde sua formação econômica, a princípio a falta de políticas públicas na sua maioria é precárias, no caso da comunidade Quilombola Lages não há investimento por parte do município, possivelmente se houvesse investimento os jovens não sairiam de sua comunidade em busca de trabalho em outros Estados, basicamente a economia da comunidade é agricultura por subsistência, quando não há uma contrapartida do município a comunidade sofre, deixando a margem da sociedade.

Podemos perceber que o povo negro desde o período da escravidão até os dias atuais não tem muito prestígio, devido sua condição social, e até os dias atuais segue exposta ao preconceito racial, este ainda está enraizado na sociedade brasileira, por isso os povos remanescentes que tiveram seus antepassados descendentes escravizados, conseqüentemente ainda não se libertou da forma que a sociedade vê o negro.

Embora essa consolidação não fora suficiente para suplantar a expropriação de terras e a precariedade que muitas comunidades quilombolas vivem, sabemos que há políticas públicas que contemplam os remanescentes, porém, não há uma preocupação maior para determinadas situações.

A economia do Brasil se constituiu a partir da mão de obra escrava, que promoveu o acúmulo de riquezas por meio da prática escravista de pessoas negras oriunda da África, para trabalhar nas fazendas de cana de açúcar gerando a economia inicial do país.

O Brasil, último país a abolir a escravidão, que teve uma duração de mais de 300 anos e com a Lei Áurea, por meio da qual libertou os escravizados sem nenhuma condição mínima de sobrevivência, numa sociedade que de certa forma não mudou, mantendo a maioria dos escravizados a margem da sociedade.

Os quilombos são uma das maiores formas de expressão de resistência no Brasil, por fim na atualidade os remanescentes de quilombo que ainda lutam de forma organizada, alguns por direito a terra, outros em busca e reconhecimento, políticas públicas, escola, saúde, entre outros, nesse caso mudou pouca coisa, a luta permanece.

A comunidade Quilombola Sítio Lages, dentre esses pontos citado anteriormente enfrenta algumas delas como o caso das políticas públicas que necessita de um olhar voltado à cultura da comunidade que é o samba Tebei bem precioso da comunidade, maior forma de expressão de pertencimento e resistência.

Diversos problemas são enfrentados pela população negra brasileira. Embora haja um avanço social, a desigualdade ainda permanece, a população negra continua sendo um povo marginalizado sem seus respectivos direitos, como acesso a terra, “a educação”, bem como as questões sociais e culturais.

**Figura 1. Comunidade Quilombola Lages.**



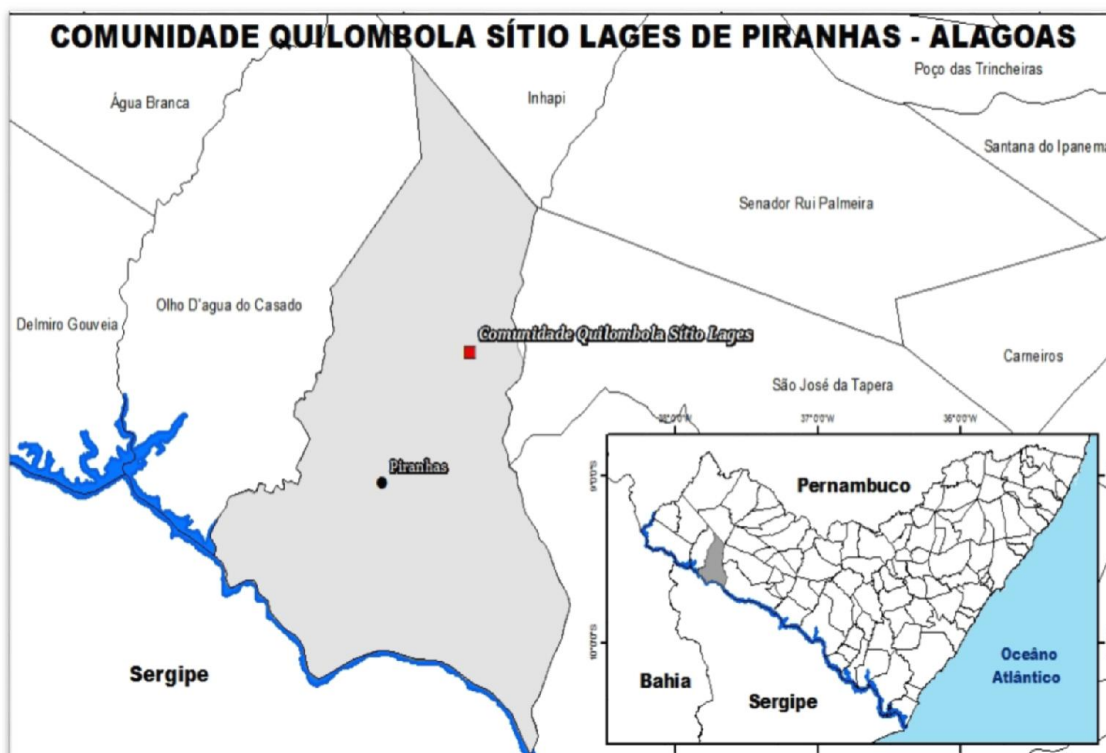
Autora (2019)

A comunidade Sítio Lages abriga mais de 50 famílias distribuídas na sede e em sítios vizinhos, embora algumas famílias distantes, mas o que as mantém reunidas são o laço sanguíneo e o sentimento de pertencimento daquela localidade, pois mesmo morando distante em algum período de sua vida já residiu em Sítio Lages.

A comunidade Quilombola Sítio Lages está situada no estado de Alagoas, no alto sertão, Município de Piranhas. O município foi criado em 1887, quando desmembrado de Pão de Açúcar. A cidade Piranhas situa-se na região oeste do estado de Alagoas, tendo limite fronteiro ao norte com o município de Inhapi, ao sul com o município de Canindé do São Francisco/SE a leste com o município de Pão de Açúcar e São José da Tapera e a Oeste com Olho D'água do Casado. A seguir veremos mapa de localização da comunidade Lages.

Diante de relatos de moradores nota-se que a chegada dos quilombolas no município Piranhas foi bem antes que a certificação e o reconhecimento da comunidade como remanescente quilombola. É importante notar que mesmo não havendo registros documentados, a historicidade local mantém viva a memória dos moradores.

Figura 2. Mapa de localização da Comunidade Lages



Autora (2019)

A comunidade Sítio Lages surgiu da necessidade de se reafirmar a partir do auto reconhecimento expressado através da cultura existente no Sítio Lages. A princípio, a comunidade era composta por trinta (30) famílias, sendo reconhecida e certificada pela Fundação Cultural Palmares no dia 27 de dezembro de 2010. Apenas em (12/06/2011), todos da comunidade aceitaram fazer parte, e perceberam que é a partir da união que há a busca de melhoria para todos, contando atualmente com sessenta (60) famílias. Segundo dados do BRASIL (2003), a emissão da Certidão de Auto definição tem como base legal a Portaria da FCP nº 98/2007 e o Decreto Presidencial nº 4887/2003. Essa portaria tem o seu devido valor reconhecido a partir do momento que a população se auto define.

A associação se constitui por um aglomerado de pessoas, com objetivos em comum: lutar pelos diversos interesses tais como, busca de melhorias para a referida comunidade, no intuito de alavancar ainda mais as questões sociais, educacionais e culturais.



As manifestações culturais e identidades negras vêm perdendo sua originalidade seja pela não aceitação do indivíduo daquela sociedade, seja pela falta de incentivo a cultura presente na comunidade, sendo um quesito preocupante diante da historicidade da sociedade negra em todo país. Diante desse contexto de perda e desvalorização temos o Samba Tebei que embora seja praticado ainda hoje pelos moradores da comunidade quilombola Sítio Lages, alguns cantadores e dançadores de samba encontram-se idosos, e os mais jovens não dão a devida importância à cultura, ficando enfraquecida, passando a ficar apenas na memória.

O tema em estudo será fundamentado em autores como: Nascimento (1980); Freyre (1982); Siqueira (2015); Amorim e Germani (2005); Costa Filho (2014); Souza (2012); Rodrigues (2013); Melo (2011); Lindoso (2011); Reis e Gomes (2012); Saquet, (2014); Ortiz (2012) dentre outros, que traz a realidade da comunidade sobre sua cultura e tradição que faz parte da existência de um povo, percebendo que estas estão sendo suprimidas, devido à morte dos mais velhos e os jovens desvalorizando a sua cultura, por motivos talvez de não saber a importância da sua própria identidade, do valor que a cultura negra tem no cenário mundial.

Mesmo com essa perda da cultura negra, devido os moradores seguir um modelo imposto pela sociedade, que não se enquadra com a cultura quilombola e o seu modo de existir, o negro continua lutando por seus direitos, mesmo sendo desvalorizado. Mesmo com os direitos negados os indivíduos da referida comunidade continuam lutando e resistindo.

É através do samba Tebei, da melodia nas canções que recordam o seu passado, tempo que se divertiam, trabalhavam e hoje não deixam a cultura morrer é nesse momento que expõe sua identidade enraizada, continuando como forma de diversão e registro de uma cultura, esta, por sua vez, vem se submergindo, devido às transformações do modo de vida dos moradores que habitam na comunidade.

Destacamos também que o município ao qual faz parte não se preocupa com os aspectos culturais ali centrados, estimulando a desvalorização interna e externa da comunidade em geral, de algumas canções e danças desse povo e aos poucos está sendo extinto, ficando apenas nas lembranças de alguns moradores mais antigos do lugar.

É indispensável que os indivíduos pertencentes à comunidade quilombola se assumam como negros e tenham orgulho da sua cultura e sua identidade, para que possam mudar suas realidades, pois enquanto o negro não se reconhecer como negro, nunca se extinguirá o preconceito existente, percebendo que os quilombos são símbolos vivos de resistência negra, é

necessário entender que ser quilombola, não é algo imposto, mas sim é sentir-se pertencente a sua origem, pois é nas comunidades quilombolas que se encontra o verdadeiro sentido do território, da cultura e identidade, pois foi através de homens e mulheres que se expressam nas canções e danças e forma de convivência na comunidade se penduraram até os dias atuais, tornando-se modelo de resistência negra a escravidão.

Apresentaremos a realidade de uma comunidade afrodescendente piranhense resgatando a história da formação dos remanescentes de quilombo, identificando como a comunidade se territorializou e como processualmente se organizou socialmente. Esta pesquisa é de suma importância constatar alguns termos existentes que regulamenta a questão quilombola, como o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição Federal (CF) de 1988, que reconhece a existência das comunidades remanescentes de quilombos; a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) ratificada pelo Brasil, que afirma o critério da auto definição dos povos tradicionais; e no Decreto 4.887 de 2003, que regulamenta os procedimentos necessários para a implementação do art. 68 do ADCT.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: No primeiro capítulo discutiremos a resistência da comunidade Lages e a relação com o processo educacional deste povo. Tendo em vista é interessante analisar como está o ensinamento na escola Luiz Tertuliano da Paz a história do Brasil desde a formação territorial do país na construção dos espaços até os dias atuais.

Para tanto, busca-se a partir do segundo capítulo analisa a cultura identitária, bem como o processo organizacional do espaço da Comunidade Quilombola Sítio Lages, no município Piranhas/AL. Apresentando uma realidade de uma comunidade afrodescendente deste referido município, resgatando a história da territorialização dos remanescentes de quilombo, identificando como a comunidade se originou e como processualmente se organizou socialmente.

No terceiro capítulo, dar-se ênfase ao processo educacional na escola Luiz Tertuliano da Paz situada no Distrito Piau Alagoas, analisando o PPP da instituição, onde reúne informações da instituição, níveis e modalidade ofertada pela escola. Essa instituição, conforme a análise de seu projeto político pedagógico identifica-se com o processo de construção de uma sociedade mais justa.

No quarto capítulo aponta-se as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola, pois as comunidades remanescentes quilombola apresentam características

educacionais, social, política e cultural próprias, com peculiaridade no processo histórico geográfico, pois este envolve espaço, lugar e origem. Analisando essas características em 20 de novembro de 2012 através do Ministro de Educação que veio homologar a resolução CNE 08/2012 na qual determina as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola na Educação Básica.

## 2. QUILOMBO SÍTIO LAGES: RESISTENCIA E A RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO

Sabe-se que o país é caracterizado por uma trajetória de exploração do trabalho negro, desde sua formação, porém a história não é contada nesse ponto de vista, buscando silenciá-los. Mesmo ainda existindo marcas físicas mais precisamente sociais, esses impasses nunca foram empecilhos para lutar e expressar resistência, por esse motivo à história do negro não sairá da história.

No período de formação do país não havia leis que mitigasse o sofrimento dos escravizados, com o passar do tempo com a criação de leis que regem os remanescentes quilombolas começa a valorizar a cultura negra, isso se deu a partir de lutas dos movimentos. Desta forma tiveram algumas conquistas, dentre as principais conquistas estão o reconhecimento identitário de pessoas remanescentes de quilombo, certificações de territórios tradicionais, valorização da cultura e uma que consideramos importantíssima a educação quilombola.

De acordo com o censo realizado pelo instituto Brasileiro de Geografia Estatístico (IBGE) em 2010, dentre milhões de brasileiros há um número considerável que se auto reconhecem como pretos correspondendo a mais ou menos 50% da população. No decorrer do tempo muitas pessoas passaram a assumir e autodeclarar ser negro Um dos principais pontos foi o reconhecimento da identidade negra nos últimos tempos. Salienta-se que a negação da identidade foi fruto do período escravocrata construindo um contexto histórico, social, político que vem sendo quebrado dia a dia essas barreiras, essas mudanças são vitória dos movimentos unidos com o mesmo objetivo de valorizar suas identidades.

É de extrema importância a discussão acerca da educação escolar quilombola, para compreender como a educação quilombola está sendo aplicada na instituição de ensino, pois há um problema posto nesta Escola Municipal Luiz Tertuliano da Paz, as crianças não se reconhecem como remanescentes quilombolas, e a partir disso cabe a escola incentivar os alunos na aceitação de sua história. Na Escola Luiz Tertuliano da Paz, não há alunos registrados no censo escolar como remanescente quilombola. Sabendo que não tem instituição escolar na sede da comunidade, e os alunos precisam deslocarem para uma escola mais próxima, nesse caso se faz necessário informar por meio do censo escolar que há alunos remanescente quilombola na determinada instituição de ensino.

As contribuições do ensino da geografia para a educação quilombola está relacionada à comunidade quilombola e escola, pois é nesse ambiente que ambas envolvem realidades semelhante, dentro do contexto histórico do ensino – aprendizado, bem como nos conflitos relacionado ao território e as questões étnico racial.

Na comunidade os ensinamentos sobre valores e respeito pelo próximo e valorização de sua cultura estão bem presentes na comunidade. Embora a escola seja rural ela apresenta características de uma escola urbana, a gestão busca manter valores incentivando o respeito e as diferenças existentes. Pois atende alunos de classes diferentes

Para construir este trabalho faz necessário trazer um breve histórico da Escola Municipal Luiz Tertuliano da Paz e comunidade remanescente quilombola. A mesma está localizada fora do território remanescente quilombola, no entanto está inserida no Distrito Piau/AL, por ser centralizada atende alunos do próprio distrito, além de estudantes das comunidades circunvizinhas, esta instituição não tem estrutura para atender a quantidade de alunos que estão presentes nesse ambiente, onde acaba influenciando no aprendizado dos alunos por apresentar salas de aulas pequenas e com um número elevado de alunos por turma.

**Figura 3. Escola Municipal Luiz Tertuliano da Paz**



Autora (2019)

A escola atende alunos com faixa etária de 6 a 16 anos de idade, a quantidade de alunos por turma é enorme, principalmente no turno da tarde no qual funciona o ensino fundamental II, com 6º ano (turmas A B, C e D) 7º ano (turmas A B e C) 8º ano (turmas A B e C) 9º ano (turmas A e B), ambas as turmas variam o número de alunos que vai desde 30 a 49 alunos. Atualmente a Escola Municipal Luiz Tertuliano da Paz além de oferecer vagas para o Fundamental I e II durante manhã e tarde, oferta a educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno.

A escola atende alunos de outras comunidades além da comunidade remanescentes quilombola em todos os turnos, o número de alunos que a referida instituição apresenta, excede a capacidade física da escola, a quantidade de salas de aulas não é o suficiente para o número de alunos, por ser uma escola que atende várias comunidades, embora a gestão da escola faça um trabalho educacional com qualidade para que os alunos oriundos da comunidade quilombola Sítio Lages não se sintam inferiores aos outros, pois procura criar uma sintonia com a comunidade.

Analisar os Parâmetros Currículos Nacionais (PCN's), para que as escolas se adequem à realidade local e atendam os diversos segmentos educacionais no Brasil, sem esquecer-se de fazer estudos ou mencionar a cultura e identidade afrodescendente para que mantenha sua permanência na escola. De acordo com Teixeira (2005, p. 01):

O Ministério da Educação e do Desporto (MEC) publicou em 1997 e 1998, respectivamente, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1ª a 4ª séries (BRASIL. MEC, 1997a) e de 5ª a 8ª séries (BRASIL. MEC, 1998), depois de ter divulgado Versão Preliminar do documento em 1995 (BRASIL. MEC, 1995)!. O documento pretendia oferecer a proposta ministerial para a construção de uma base comum nacional para o ensino fundamental brasileiro e ser uma orientação para que as escolas formulem seus currículos, levando em conta suas próprias realidades, tendo como objetivo do ensino de 1ª a 8ª série a formação para uma cidadania democrática.

A Escola Municipal Luiz Tertuliano da Paz no Projeto Político Pedagógico (PPP), apresenta algumas considerações levando em conta a realidade e as expectativas da escola, a escola supracitada possui alguns pontos relacionados aos afrodescendentes, porém os alunos oriundos da comunidade quilombola não entraram no censo escolar como remanescentes quilombola, ou seja, o material didático não vem destinado a esse tipo de ensino diferenciado.

A comunidade quilombola Lages apresenta características próprias de raízes culturais, perceptíveis no modo de convivência entre os membros, sua organização é surgida sob laço de consanguinidade, a convivência no trabalho, por exemplo, desenvolvida na roça, a forma de se trabalhar em determinado período do ano, sendo um dos meios de sobrevivência da comunidade, e em suas terras plantam milho, feijão e mandioca, e de certa forma é organizado sob apoio familiar, onde um ajuda o outro, essa pratica é conhecida como mutirão, que se dá na colheita da plantação e também na construção de suas casas de taipa, isso bem antes do Governo Federal contemplar alguns moradores em casas de alvenaria.

A partir da construção de casas de taipa, que é uma tradição cultural, desenvolveram um ritual de dança denominado por eles de samba “tebei”, a representação desse nome para a comunidade se dar em pisar firme no chão, juntamente com uma música para sintonizar com ritmo do som ao bater o pé no chão, na finalidade de compactar o barro, servindo como piso das casas, essa dança e praticada até hoje na comunidade, é nesse momento que eles reafirmam sua identidade cultural.

A comunidade Sítio Lages desde 2008 lutou pelo reconhecimento como remanescente quilombola. Alguns membros da família da comunidade perceberam, através de relatos dos familiares mais velhos, que as raízes negras existentes nesse grupo eram de origem quilombola. Despertou-se então a discussão da embrionária identidade étnica que pertencia à cultura desse povoado.

No dia 27 de dezembro de 2010, a comunidade quilombola foi certificada pela fundação Cultural Palmares. A referida Comunidade é composta por 53 famílias, que se auto reconhecem como quilombolas. Os mais antigos têm entre 60 a 100 anos de existência e resistência (ver figura 4).

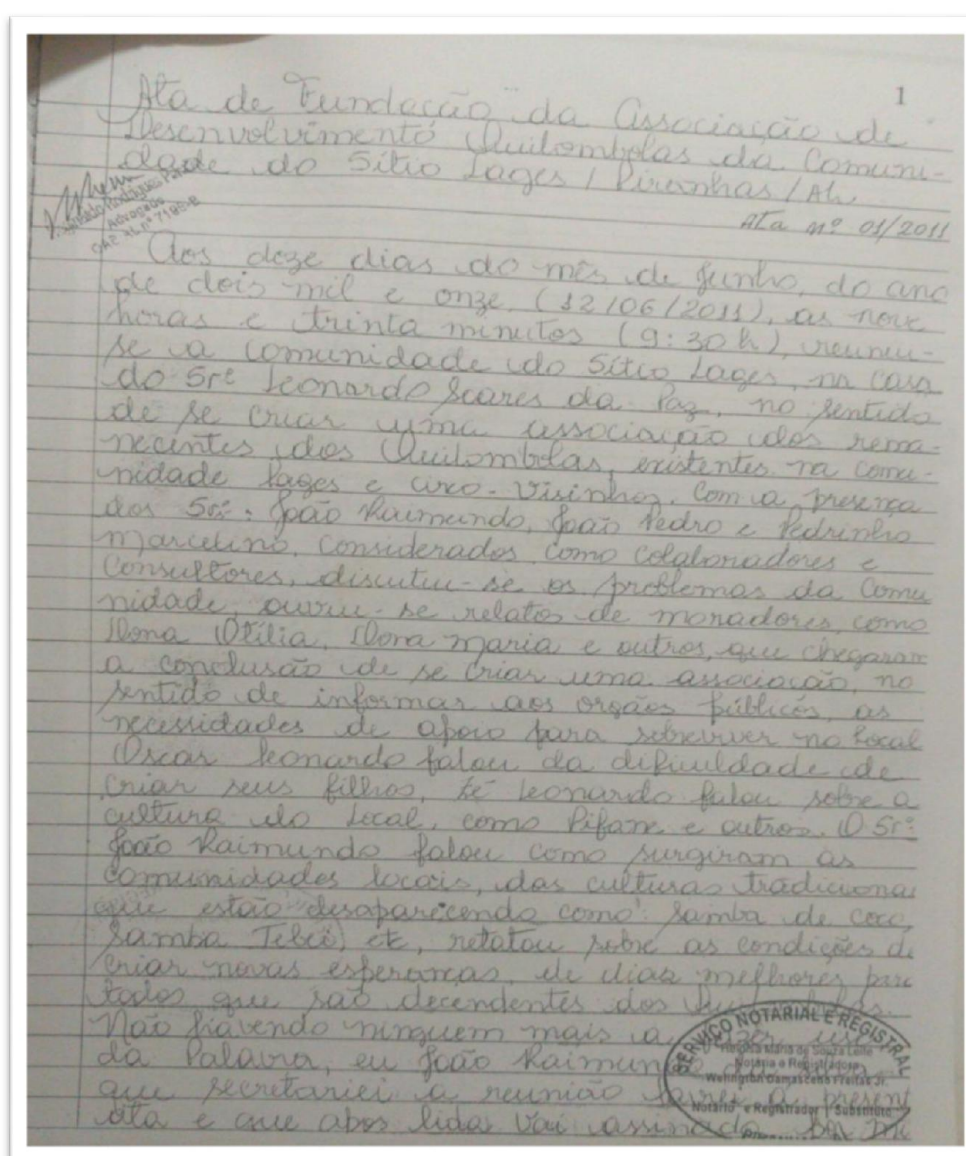
A comunidade quilombola sítio Lages caracteriza-se como uma comunidade tradicional por seu vínculo com o meio ambiente em que vive, pois tem estrutura produtiva baseado na agricultura de subsistência que é uma forma de consumo familiar, o que produz o excedente é comercializada na finalidade de suprir suas necessidades, recebem auxilio do governo como cesta básica, alguns recebem a bolsa família, e aposentadoria por tempo de trabalho.

Em relação à educação as crianças têm acesso, alguns jovens concluíram o ensino médio, outros não terminaram para se deslocarem a outros estados para trabalhar e busca de melhoria. Na comunidade ainda há pessoas analfabetas, mas não tem interesse em estudar, pois

estão cansados para sair da comunidade para estudar na Escola Municipal Luiz Tertuliano da Paz.

Na comunidade quilombola Lages há alguns anos havia uma instituição de ensino, onde funcionava com o ensino fundamental I e II, porém o número de alunos com o passar do tempo diminuía, pelo fato de não ter tantas crianças e a Secretaria de Educação tomou a decisão de fechar essa escola, os alunos da comunidade Lages foram remanejados para as escolas próximas das comunidades Salina e Distrito Piau.

Figura 4. ATA da Fundação da Comunidade Sítio Lages / Piranhas / AL (arquivo retirado da Comunidade Quilombola Sítio Lages. Ata nº 01.12 de junho de 2011. Autora (2019)





Diante desse contexto é necessário refletir sobre a comunidade quilombola Lages, desta forma procuramos analisar o modo de vida, tais como o perfil das famílias, o porquê de as crianças saírem da comunidade para estudar. E esses alunos da zona rural sentem a necessidade de seguir o ritmo de alunos da zona urbana e acaba escondendo sua identidade como remanescente quilombola.

Na comunidade as crianças auto reconhecem como remanescentes, porém elas precisam quebrar barreiras e também afirmar sua identidade na escola que estudam, a qual está situada no Distrito Piau. O tema auto reconhecimento das identidades das crianças traz uma reflexão sobre a realidade no processo educacional e social na educação de crianças da comunidade Lages, bem como realidades de outras comunidades que não tem escola quilombola situadas na própria comunidade. Refletir como é o ensino para crianças remanescentes quilombola por não estar inserido em seu ambiente de convívio.

O documento Educação escolar quilombola no Censo da Educação Básica (IPEA, 2015 *apud* CARRIL, 2017) estima que, além dos estabelecimentos declarados em áreas remanescentes de quilombos, outros 552 devem receber estudantes oriundos dessas áreas, tendo em vista a utilização de material específico para diversidade sociocultural quilombola, totalizando-se 2.787 estabelecimentos, de acordo com a classificação das DCN, para a educação escolar quilombola.

No município de Piranhas algumas escolas recebem alunos remanescente quilombola, porém menos da metade registrados no censo escolar para virem materiais específicos e a escola que tem esses registros no censo não trabalha com esse material didático.

Após conversas informais com alguns alunos pôde-se perceber que não se reconhecem como pertencentes à comunidade quilombola, então surge mais uma problemática a ser discutida acerca da verificação se há auto reconhecimento de alunos oriundos da comunidade quilombola Lages. Acerca dessa conversa informal surgem alguns questionamentos como: por que as crianças não se reconhecem como quilombola ou não querem pertencer à comunidade? Diante desse questionamento o que a gestão da escola está fazendo para mitigar o não reconhecimento das identidades das crianças, quanto remanescente quilombola e tendo um conceito errado de sua identidade?

Tendo em vista é importante fazer esses questionamentos, para que a gestão discuta a importância do auto reconhecimento de crianças remanescentes quilombola em especial aquelas da comunidade quilombola Lajes.

A falta de políticas públicas é um problema enfrentado pela comunidade remanescente quilombola, uma forma de resistência da comunidade, baseia-se na agricultura por subsistência: criação de animais em pequena quantidade (vacas leiteiras) criação de galinhas caipiras, onde vendem na feira livre de Piau, produzem fubá de milho, além da venda é também para o próprio consumo, alguns vive da apicultura (criação de abelhas melíferas), esta é uma forma de resistir à seca no sertão, pois não esperam apenas do governo.

Mas a situação mais questionada pelos moradores da comunidade Lajes é a falta de escola na própria comunidade, onde as crianças saem de seu ambiente de origem para cidade, essas escolas situadas fora do território quilombola levam essas crianças e jovens para fora da comunidade de origem, além das escolas normais não estarem preparadas para receber, pelo fato de seu currículo escolar não se adequarem a realidade histórica e cultural destes alunos, essa questão vem de séculos, pois estar ligada ao processo histórico da educação quilombola no Brasil.

As comunidades remanescentes quilombola possuem riquezas no âmbito educacional social e cultural. Bem como possui uma particularidade em sua política organizacional, relacionado ao contexto histórico e geográfico no Brasil. De acordo com a resolução 20 de novembro de 2012 o Conselho Nacional de Educação (CNE) define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (DCNENQEB) a educação quilombola exige uma pedagogia própria, relacionada ao étnico racial e cultural da comunidade escolar, desde o quadro de professores, materiais didáticos e paradidáticos daquela realidade territorial. Assim, a base nacional que orienta a Educação Básica com os princípios que deve ser ofertado nas escolas quilombolas bem como nas escolas que atendem alunos remanescentes quilombolas que se desloca da comunidade de origem.

Ao analisar essas diretrizes para a educação quilombola, significa um avanço para movimentos sociais, pois estas valorizam o ensino sem esquecer-se das tradições. As comunidades remanescentes são patrimônios culturais que jamais poderão ser esquecidas, são grupos étnicos, onde tem uma trajetória particular específica dotada de relações histórica e territorial relacionada à resistência sofrida pelo processo de formação do Brasil.

Foram muitas exigências no Brasil em seu processo de formação ainda no modo capitalista, no qual privavam os afros brasileiros de ter acesso a escola por mais de dois séculos. A partir dos anos 1990 que esse quadro começa a mudar, pois passou a ter uma inclusão daquela população, mas com muitas dificuldades enfrentadas com algumas proibições na escolarização desta população, com o passar dos anos essas realidades teve suas devidas mudanças tendo um novo olhar acerca da Educação Quilombola incluso na modalidade de ensino básico.

A educação brasileira ultimamente tem passado por diversas alterações com o objetivo de melhorar o ensino e aprendizado para todos. Entre tantas essas mudanças são visíveis, pois em períodos anteriores a educação estava restrita a classe dominante, mais ou menos a partir do XX, o afrodescendente passa fazer parte desse meio, é perceptível a inclusão do negro nas escolas e universidades, assim visando a redução do índice de pobreza, bem como reduzir atritos entre classes sociais baseados nas exigências do mercado de trabalho.

A década das reformas, ou seja, os últimos anos do século XX trouxeram consigo um rol de modificações que vão do social ao político, em que a reforma da educação ganhou contornos exigidos pela nova ordem econômica mundial [...]. Tais mudanças inserem-se nos quadros da proposta neoliberal com contorno à lógica do mercado na ordenação das relações sociais, expressando-se na privação do público (DIÓGENES, 2013, p. 72 *apud* SILVA, 2015, p. 19).

Percebe-se que as reformas na educação brasileira intensificaram com o objetivo de atender o mercado de trabalho brasileiro visando à concorrência e os lucros. Conforme SILVA (2015) o que levou a essas mudanças neste campo foi a partir da Conferencia Mundial de Educação Para Todos (EPT), realizada em Jomtien, Tailândia em março de 1990, coordenados por Organização das Nações Unidas e Banco Mundial. Sentiu-se a necessidade de mudança para que a população não fosse a maior prejudicada, pois as políticas de desenvolvimento voltada a essas questões não estavam devidamente claras, sendo necessário o MEC tomou iniciativas de uma política educacional para a sociedade brasileira

O Brasil obnubilou a sua capacidade de formular e implantar políticas direcionadas a esse nível, pois se submeteu as emanções de fora, porque não mais existe um projeto nacional a ser consolidado, e sim um movimento adaptativo aos interesses do capital [...] Coube ao MEC o papel de implantar uma política de educação pensada pelos intelectuais transnacionais e nacionais como um novo projeto de sociedade que sustenta as bases dominantes da fase de acumulação do capitalismo. (DIÓGENES, 2013, p. 72 *apud* SILVA, 2015, p. 19).

O país não mediu esforços nessa iniciativa no objetivo de alterações da educação nacional, e espalhou-se a tese de que a educação é a melhor saída para reduzir as desigualdades

sociais no país e no mundo, então os países periféricos, países em desenvolvimento realizaram reformas internas, porém com prioridade no setor econômico. Analisando esse ponto de vista, significa que educação não passa de uma mercadoria, pois faz uso desta para entrar no mercado de trabalho. Então surge essa oportunidade de ensino especializando a população para trabalhar e para o crescimento econômico e o desenvolvimento social do país.

Para fortalecer aquela população, deu-se a III Conferência Mundial Contra Racismo, à Discriminação Racial, a xenofobia e Intolerância correlatas, ano de 2001, em Durban África do Sul, também coordenada pelas Nações Unidas (ONU) e com a participação do Banco Mundial [...] responsável fundamental pela ampliação da educação junto às populações humanas dos países periféricos. (SILVA, 2015, p. 22).

A educação escolar concedida aos afrodescendentes bem como os quilombolas ou remanescentes de quilombo surge a partir dessas conferências que se adequa ao perfil sócio econômico e político ditado pelo Banco Mundial, bem como disponibiliza técnicos para formatar esse novo modelo de acordo com o campo mercadológico visando concorrência e lucro.

Silva (2015) afirma que esse processo neoliberal dos países periféricos, deixando os vulneráveis à entrada e a saída de capitais, forçou o Brasil a realizar diversas reformas adaptativas especificamente na área educacional. Nesse caso cada governo submeteu a mudanças nesses modelos, e o Brasil se adaptou muito bem a essas mudanças fazendo diversas reformas criando projetos adaptativos.

Podemos perceber que todos esses acontecimentos citados acima, essas mudanças no modelo educacional brasileiro têm por objetivos adequa-se aos países centrais beneficiando interesses da classe dominante orientado pelo Banco Mundial. Conseguimos perceber contradições acerca disso, pois com essa adaptação se pensou em uma educação com qualidade, gratuita para todos, porém por trás disso há uma educação com interesses, uma vez que se propõe manter o sistema capitalista global.

Com base nas exigências que estavam se formando ou adequando-se ao modo capitalista, que em séculos antes privou os afrodescendentes de estarem inseridos no ambiente escolar, para isso criou-se a modalidade de educação quilombola e indígena. Sabe-se que por um determinado tempo no Brasil colônia a escola era para poucos, quem estudava era elite e pobres e escravos estavam excluídos da possibilidade de estudar nesse período escravocrata, no

entanto alguns tiveram a oportunidade de aprender a ler por escutar aulas de filhos de seus senhores, pois não havia nada previsto para o ensino de escravos.

A escolarização exigiu tempo livre, mas como os escravos não dispunham de nenhum tempo, pois trabalhavam de sol a sol, a fim de atender as exigências colonialistas, os jesuítas, encarregados do ensino, os deixaram de fora, porque “vieram em consequência de determinação do rei de Portugal, nisso sendo apoiado pela coroa portuguesa como pelas autoridades da colônia” (SAVIANI, 2007 *apud* SILVA, 2015 p. 40). Portanto não admitia filhos de escravos no ambiente escolar.

Esse quadro permaneceu por longas datas, onde havia a proibição do pobre e o escravizado de estarem no ambiente escolar. Silva (2015) aborda que o afastamento do afro-brasileiro do sistema escolar foi depois normatizado em lei esparsa, como foi o caso da reforma Couto Ferraz (Decreto nº 1.331-A, de 17 de fevereiro de 1854) em cujo artigo 69 consta.

Art. 69. Não serão admitidos à matrícula, nem poderão freqüentar as escolas:  
1º- Os meninos que padecem moléstias contagiosas.  
2º- Os que não tiveram sido vacinados.  
3º- Os escravos.

Claramente os escravizados continuaram fora da modalidade do ensino formal mesmo alforriado e liberto não tinha direito, pois o processo para se inserir apresentava barreiras, as oportunidades se afastavam de pobres e escravos, pois recém-saídos da escravidão perderam seus postos de trabalhos para a mão de obra estrangeira. Esse quadro veio mudar após a década de 1930 no século XX, onde buscava direitos dentre eles, o direito a educação.

Nos dias atuais a permanência do afrodescendente no ambiente escolar foi a partir do processo de reivindicação por setores de frente negra, movimentos que buscaram inserir o afrodescendente no processo de reprodução sociocultural econômico e político, respeitando todas as diferenças e promovendo igualdade para todos. Sabendo que essa realidade passa acontecer a partir da constituição de 1988 e com a contribuição da Conferencia Mundial de Educação Para Todos (EPT) e outras que contribuíram para impulsionar essas diretrizes. Essas conferências foram importantes para o país, pois possibilitou a educação em toda parte do Brasil, inclusive aqueles que foram excluídos historicamente de estudar em especial os quilombolas.

A geografia escolar pode contribuir de várias formas para a educação escolar quilombola, pois quando se trata da inter-relação escola e comunidade quilombola, onde há a possibilidade de entender e saber lidar com diversas situações que venham acontecer, pois os alunos remanescentes quilombola estão na escola e vivem duas realidades a do ensino aprendido e os conflitos acerca da questão étnico-racial pelo fato que se deslocam da comunidade para um território urbanizado.

### 3. PROCESSO HISTÓRICO DO MOVIMENTO QUILOMBOLA

Iniciamos o estudo sobre a formação das comunidades quilombolas, bem como a perpetuação e preservação dos traços culturais africanos, proporcionando visibilidade aos negros como protagonistas da história.

As comunidades quilombolas são grupos étnicos, predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana, que se auto define a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias.

Ao falamos sobre os Quilombos, nos reportamos a uma das maiores expressões de luta organizada no Brasil. Zumbi, que ficou conhecido pelo fato de ter se rebelado contra o acordo feito entre Ganga Zumba e o Estado colonial, que era a liberdade dos escravos em troca da submissão dos quilombos as autoridades. Segundo Gomes e Reis (2012, p. 465) “o acordo dos palmarinos para devolver as autoridades os membros da comunidade que houvesse nascido em palmares”. Como consequência, Zumbi assumiu o poder em Palmares e intensificou a luta contra os proprietários, as autoridades, o sistema colonial e a escravidão. Assim, o mesmo passou a ser conhecido como Zumbi dos Palmares.

Segundo Freitas (2004, *apud* Siqueira, 2015), “Zumbi, intitulado o general das armas, cujo nome significa *Deus das Armas*, negro de singular valor, grande ânimo, constância admirável, e inimigo capital da dominação dos brancos”, sendo assim símbolo de resistência ao princípio colonial-escravista, operando em distintos momentos histórico-cultural do país e processo político ideológico dos africanos escravizados e seus descendentes nascidos no Brasil.

Palmares nasceu com o perfil africano e com gentes brasis: índios, negros, brancos e mestiços. A riqueza da obra está mais no projeto social que ela nos oferece e menos na capacidade bélica e militar de Palmares e seus líderes, Ganga-Zumba e Zumbi. Em Alagoas, terra onde os organizadores e lideranças palmarinas, Aqualtune, Ganga-Zumba, Zumbi e outros fixaram a Capital Cacus, atual Serra da Barriga, desde os anos oitenta se presta homenagem a Zumbi e celebram as conquistas de todos os quilombolas que foram assassinados pelo comandante do exército português Bernardo Vieira de Melo e Domingos Jorge Velho [...], tendo na figura de Zumbi dos Palmares a personalidade mais emblemática da história do negro. Para Zumbi o ideal de liberdade e a capacidade de organização eram os princípios fundamentais para uma convivência com respeito às diferenças. (SIQUEIRA, 2015, p. 8 *apud* ARAÚJO, 2004).

O Quilombo dos Palmares foi um dos mais importantes quilombos do Período Colonial da História do Brasil. Surgindo na região da Serra da Barriga que era a antiga capitania de Pernambuco.

O Quilombo de Palmares: estende-se pela parte superior do Rio São Francisco uma corda de mata brava, que vem a fazer termo sobre o sertão do Cabo de Santo Agostinho correndo quase norte a sul, do mesmo modo que corre a costa do mar. Foram as árvores, principais palmeiras agrestes, que deram ao terreno o nome de Palmares. Estas palmeiras são tão fecundas para todos os usos da vida humana, que delas se faz vinho, azeite, sal, roupas; as folhas servem para cobrir casa; os ramos, para os esteios da cobertura da casa; os frutos servem de sustento; além de todos os gêneros de ligaduras e amarras (SIQUEIRA, 2015, p. 8).

Embora tenha surgido no final do século XVI, o Quilombo dos Palmares teve maior visibilidade na segunda metade do século XVII, devido suas lutas. Ainda de acordo com Siqueira (2015), o grande objetivo do poder oficial era que se destruíssem os Palmares, pois assim teriam terras para a sua cultura, negros para o seu serviço e honra para a sua estimação.

Era constituído por quilombolas escravos advindos das fazendas das capitanias da Bahia e Pernambuco. Palmares tornou-se símbolo da resistência negra à escravidão, sua luta durou por volta de cinco anos; contudo, apesar de todo o empenho e determinação dos negros chefiados por Zumbi, foram derrotados, e mesmo com a derrota o negro até hoje resistem aos ideários e massacre impostos pela sociedade.

Portanto ao pensarmos em discutir as questões sobre o quilombo expomos um tema causador de discussões sobre os deveres e direitos dos afrodescendentes no Brasil como uma questão de construção histórica, cultural e espacial. Segundo Amorim e Germani:

O conceito Comunidades Negras Rurais Quilombolas incorpora as chamadas terras de preto, terras de santo, mucambos ou quilombos. São comunidades formadas predominantemente por negros e ocupam terras na área rural. São os laços de consanguinidade e de familiaridade que permitem a utilização de áreas de forma individual e coletiva. Trata-se de estratégias desenvolvidas no processo histórico de adaptação ao ambiente, concomitante com práticas de proteção aos recursos naturais disponíveis (AMORIM, GERMANI, 2005, p. 797).

Como meio de propagação desse povo os africanos trouxeram consigo saberes a respeito das mais diversas áreas do conhecimento, tanto religiosos, como artístico e cultural. Os núcleos de resistência quilombola carregam valores, costumes, mitologias, rituais, organização familiar, experiência de socialização, perpetuados no interior de suas próprias estruturas, a seguir veremos no quadro 1.



**Quadro 1. Elementos associados aos valores da comunidade**

<b>ELEMENTOS</b>	<b>VALORES</b>
<b>Costumes</b>	Reuniões familiares aos domingos;
<b>Mitologia</b>	Crenças em histórias fictícias;
<b>Rituais</b>	Orações, Benzedeadas; “Culto ao Candomblé e Umbanda” (Apenas uma família cultua essa religião);
<b>Experiência de Socialização</b>	Momentos das reuniões da associação na finalidade de discutir assuntos de interesse.

Autora (2019)

Esses elementos informados no quadro 1, são heranças deixadas pelos escravizados para seus descendentes que permanecem até os dias atuais na comunidade Lages, tais elementos são exemplo da cultura deixada como herança no momento que expressam na prática o sentimento de liberdade no qual foram tirados de seus antepassados.

Desde o princípio da colonização no século XVI, os africanos escravizados se engajaram num combate firme contra a condição de escravizados em núcleos de resistência diversos. Os quilombos, entre os quais destaca-se a República de Palmares, a Revolta dos Alfaiates, Balaiada, Revolta dos Malês, entre tantos outros núcleos que continuam no pós-abolição em oposição às consequências da escravidão, continuam numa luta por uma liberdade que sempre lhes foi negada (NASCIMENTO, 1980 *apud* SIQUEIRA, 2015, p. 3).

Os quilombos surgiram não apenas como forma de luta contra o sistema escravista, mas também como o intuito de formar uma nova sociedade, que não tivesse mais divisões de classe sociais, nem deixasse o poder na mão de poucos. O intuito era ter uma sociedade em que a todos os quilombolas eram dados direitos e deveres comuns de produzir e adquirir os bens que eram colocados à disposição de todos para a realização dos membros do quilombo. Diante desse contexto,

Quilombo é um movimento amplo e permanente que se caracteriza pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização sócio-econômico-política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural. (NASCIMENTO, 1980, p.32)

O conceito de quilombo passou por uma rediscussão, especialmente depois que os movimentos negros conseguiram incluir na Constituição Brasileira de 1988, o artigo 68 das

Disposições Constitucionais e Transitórias, que assegura que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (Diário Oficial da União - Seção 1. 1988).

É válido notar que o quilombo não refugiava apenas negros, mas também brancos marginalizados da sociedade, índios, mestiços, evidenciando alguns aspectos, sejam econômicos, sociais, políticos ou culturais, estes que dão subsídios para entender as mudanças e permanências, tais refugiados organizavam-se geralmente coletivamente e sobreviviam da agricultura, da pecuária, da caça, da pesca, além do artesanato e de um comércio a base de trocas.

Diante deste contexto, notamos a presença dos mais distintos grupos quilombolas, em busca de um mesmo objetivo apresentar sua forma de resistir a um ideário político que procura excluir o negro do seu modo de expressão identitária de um povo, como sua língua, famílias, costumes, religiões e tradições.

Tudo isso indica que se faz necessário a retomada da resistência quilombola, na reinvenção de políticas e estratégias de luta pela liberdade. Podemos perceber na figura 5 o mapa contendo os territórios quilombolas no estado de Alagoas que o número de comunidades quilombolas certificados estão aumentando aos poucos, e no sertão alagoano as comunidades remanescentes de acordo com o Instituto de Terras e Reforma Agrária de Alagoas (ITERAL) na sua maioria está certificada, isso é sinônimo de conquistas para esses povos.

Após o ano de 1988 muitas lutas foram travadas pelo povo negro, com o objetivo da aprovação de leis e decretos que atendesse a demanda da população quilombola e dos afrodescendentes, a organização do movimento negro, inicia com mobilizações para que as comunidades rurais tenham seus títulos de terras, as chamadas terras de pretos.

O decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003 regulamentou em todo território nacional os procedimentos para identificação, delimitação, reconhecimento e titulação das terras ocupadas por comunidades quilombolas. Portanto, as comunidades remanescentes de quilombos já são reconhecidas e amparadas por essa Lei brasileira.

Figura 5. Comunidades Quilombola



Fonte: ITERAL

O mesmo decreto nº 4.887, transferiu para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) a função de delimitar as terras das comunidades quilombolas remanescentes.

Os integrantes das comunidades quilombolas possuem fortes laços culturais, mantendo suas tradições, práticas religiosas, relação com o trabalho na terra e sistemas de organização social próprio.

No atual momento de contemporaneidade, percebe-se que as comunidades não são tão isoladas quanto parece no senso comum de muitos, sem acesso a nenhuma tecnologia e casas de taipa. Hoje graças à tecnologia e a novos diagnósticos de estudos históricos, é notória a transitividade nas áreas urbanas ou podemos falar, que nos dias atuais as comunidades estejam inseridas em um espaço “rurbano”, que se dá na transição entre a cidade e o campo.

Freyre (1982 *apud* Duqueviz, p. 74) diz que o “rurbano”, seria “um processo de desenvolvimento socioeconômico que combinam como formas e conteúdo de uma só vivência regional – a do Nordeste, por exemplo – ou nacional – a do Brasil como um todo – valores e estilos de vida rurais e valores e estilos de vida urbanos. Daí o neologismo: “rurbano”, logo esse espaço se dá em uma relação entre espaços rurais e espaços urbanos se instaurando de forma lenta e constante entre o rural para urbano, em consequência da dominância do modo de produção capitalista e da sua entrada nas comunidades rurais. Diante desse espaço as comunidades quilombolas vêm se urbanizando aos poucos, mas sem perder sua identidade.

Mesmo após a Abolição da escravatura em 1888, os quilombos mantiveram em locais afastados, e mesmo assim permaneciam ativos. Segundo Malvezzi (2007), “diante do caos que se instalou nos campos após a Abolição, e a semelhança do que muitos negros já tinham feito antes, os libertos se “mucambaram” pelo interior do Brasil, isto é, criaram quilombos”. Eles deram origem as atuais comunidades quilombolas (quilombos remanescentes). Segundo Maciel (2017), são cerca de 1.500 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Palmares, embora as estimativas apontem para a existência de cerca de três mil.

Ha fatos curiosos e ilustrativos do quilombamento negro no Semi-árido. Na região de Juazeiro (BA), as margens do São Francisco existem a comunidade negra de Barrinha da Conceição. Depois de silenciarem durante muito tempo sobre sua origem, decidiram contar sua história para serem reconhecidos como remanescentes de quilombos e garantirem o território (MALVEZZI, 2007 p. 72).

Portanto a comunidade Quilombola Sítio Lages, resulta dessa resistência, pois desde a busca pelo seu reconhecimento como remanescente de quilombo, pois não se deu de forma rápida, houve um processo de reconhecimento, contudo a comunidade se empenha em manter-se com vigor, e isso é reacendido a cada expressão de cultura, a cada reunião da comunidade para pontuar questões importantes. A existência das comunidades são símbolos de um povo que direta e indiretamente contribui para o processo histórico do Brasil, garantindo, perpetuando sua cultura e o seu modo de vida.

### 3.1 Comunidade Quilombola Sítio Lages

#### **Ema**

Esta ema eu não te dou, ema  
Esta ema eu vou criar, ema

De outubro pra novembro, ema  
Essa ema eu vou deitar, ema  
De novembro pra dezembro, ema  
Essa ema vai tirar, ema

Esta ema eu vou criar, ema  
Esta ema eu vou deitar, ema.

(Comunidade Quilombola Lages)

Ao longo da história das comunidades quilombolas no Brasil, destaca-se o seu processo de reconhecimento, que é dado por uma das maiores expressões de luta organizada no Brasil, em resistência ao sistema colonial-escravista e a atual sociedade contemporânea, bem como o sistema capitalista que diariamente impõe desafios, como a manutenção da comunidade e a forma de vida econômica.

As comunidades no estado de Alagoas mantêm-se do artesanato, agricultura entre outras, os jovens precisam sair de sua comunidade para trabalhar em outros estados.

Desta forma, afirma-se que o “indivíduo é obrigado a se deslocar como estratégia de sobrevivência, ao ser despossuído de se realizar no trabalho; [...]

é preciso considerar que é o movimento do próprio capital que define o caráter móvel do trabalho” (SOUZA, 2013 *apud* LIMA, 2018, p. 1106).

Nesse processo, encontra-se a comunidade quilombola Sítio Lages que atualmente conta com mais de 60 famílias. Estas famílias herdaram diversos sobrenomes pela ligação com outras famílias, pois não mantiveram a tradição de relacionar se apenas com os mesmos membros da comunidade, pois até então não tinha conhecimento se a comunidade seria de fato remanescente de quilombo, uma vez que a certificação ocorreu há menos de 20 anos.

**Quadro 2. Sobrenomes das famílias na comunidade**

SOARES	Primeiras famílias a povoar no Sítio Lages
PAZ	
ALMEIDA	
MASSALINO	
CONCEIÇÃO	
TEXEIRAS	
SANTOS	

Autora (2019).

A referida comunidade é um exemplo do processo de lutas recorrentes pela sua manutenção. Sua origem assemelha-se às demais comunidades quilombolas no Brasil, ou seja, seus primeiros habitantes eram africanos e descendentes que fugiam e organizavam-se em territórios para resistirem às condições escravistas que lhes eram impostas. Segundo morador “J.P”, a comunidade quilombola Sítio Lages foi construída a partir de fugitivos de fazendas, estes que conseguiam fugir das fazendas e dos engenhos começaram a reunir-se em lugares seguros e ali ficavam vivendo em liberdade.

Diante das lutas e desafios que a comunidade vem enfrentando ao longo da sua história, algumas conquistas já podem ser notadas, como por exemplo, a comunidade Quilombola Sítio Lages encontra-se reconhecida e legalizada de acordo com a Lei Nacional de Áreas de remanescentes quilombolas.

Para que uma comunidade tenha acesso à política de regularização de territórios quilombolas é necessário que ela se autor reconheça como um quilombo. Estes fatores devem constar do pedido de auto definição enviado à Fundação Cultural Palmares, que é

a instituição responsável pela análise das informações e pela emissão da Certidão de auto reconhecimento.

Para a comunidade é de suma importância a valorização das diversidades culturais para que se possam superar as desigualdades e discriminações étnicas e socioculturais e no desenraizamento da marginalização que permeia uma grande parcela da sociedade piranhense, principalmente os afrodescendentes.

No quesito religião a maioria da comunidade designam-se como católicos, e sua minoria como adepta de religião de matrizes africanas, essa minoria é tida como alvo de preconceito e discriminação por optarem em seguir a sua religião de origem.

Os responsáveis pela luta quilombola na conquista de espaço e reconhecimento da sociedade enfatizam a importância da formação dos quilombos como elemento relevante na construção da nossa história. De acordo com a pergunta referida na entrevista, os moradores A.S e C.P respondem: qual a importância da formação dos quilombos e precisamente a comunidade quilombola:

Olha o importante com meu pouco entender, que antes não existia esse conhecimento, então com isso foi importante para valorizar nossa história, e essa mudança só veio para melhorar, pois antes não éramos vistos e agora nós somos vistos com alguma valorização. (ENTREVISTA MORDOR A.S, 2019)

Pode-se perceber que o morador A.S sente-se orgulhoso de pertencer a sua comunidade e a partir do reconhecimento e certificação da comunidade esse povo passa sentir-se valorizado, pois até certo momento eram excluídos. Além da valorização de sua cultura e história.

A importância maior, que antes não éramos valorizados e a partir daí passamos ser valorizados por alguns gestores (vereadores), pois antes, vivíamos pedindo alguma coisa como, caminhão pipa para abastecer, e tinha uma resistência deles, pois sabíamos que éramos dependentes, e agora nós conhecemos nossos direitos, sabemos reivindicar. (ENTREVISTA MORADOR C.P, 2019)

Nesse caso antes a comunidade não era valorizada, e com a certificação as pessoas desta comunidade percebem que algo mudou, pois sabem quais são seus direitos e deveres, e quando necessário sabem reivindicar por melhoria para todos a exemplo da água para consumo, pois algumas casas não têm água encanada, como disse o morador

C.P, fazer um pedido dificilmente eram atendidos, atualmente essa situação mudou, os gestores passaram ter outra visão da comunidade, pois com a certificação essa comunidade passa fortalecer-se.

### **3.2 O Processo de Territorialização da Comunidade Lages**

As comunidades quilombolas devem ser compreendidas por um processo de organização no espaço geográfico baseado em um padrão de vida tradicional ou cultural num dado momento histórico.

É no espaço geográfico que para adquirir a liberdade de expressão um grupo afrodescendente deve ter consigo a tomada de consciência sobre a própria história para reivindicar direitos territoriais, culturais. Para tal, o auto reconhecimento se faz necessário para a redução das injustiças e da marginalização promovidas ao longo dos séculos no sistema de dominação preexistentes da colonização aos dias atuais.

O exemplo de luta e resistência é validado pelo acesso a terra e o compartilhamento das experiências e valores compartilhados a partir dos vínculos de pertencimento configurados territorialmente.

Nesse viés, ao compor os grupos étnicos cuja estrutura organizacional se dá pelo sentimento de pertencimento daquele lugar a tradição dentro da comunidade por meio da territorialidade é marcada pelo uso comum da terra, na atividade agrícola. Logo, o uso daquele determinado espaço permeia os laços familiares, afinal, são todos da mesma família permitindo assim uma relação de solidariedade em comum, até porque o uso da terra acontece em coletividade na comunidade quilombola, de acordo com Silva (2014, p. 164):

Tomando a questão das terras dos quilombolas como uma dimensão que esta relacionada no pressuposto de identidade, cultura [...] passam a articular e a traduzir as noções de terra e identidade sob o propositivo de que o espaço físico da terra é, sobretudo, um espaço simbólico, de construção de formas de vida e reprodução social.

É no território os lócus da constituição da identidade étnica de um povo permitindo a construção social. A estabilidade na terra acontece a partir do acesso por tempo de trabalho ou herança e ali se mantém uma relação social do grupo com a terra e



está se torna um território de dimensão simbólica, pois será nela que os remanescentes quilombolas o tornam um lugar sagrado, um lugar de autoafirmação.

**Figura 6. Comunidade Quilombola Sítio Lages: casas cedidas pelo governo**



Autora (2014)

Ao analisar a comunidade quilombola, está visível entre os membros da comunidade que o sentimento pela terra é a autoafirmação, que reflete sua identificação cultural. Após o período de conquista de reconhecimento como comunidade tradicional teve alguns benefícios das políticas contribuindo para a construção do desenvolvimento social e político, como no caso da figura 6, o exemplo do projeto do Governo Federal a moradia concedida, perceptível na imagem embora haja a permanência da outra casa de taipa construída com barro perpassando a simbologia presente suas raízes de tradição cultural.

O que diferencia os quilombolas de outros sujeitos sociais é o uso comum da terra, que ao agir em coletividade recria o reconhecimento legal da comunidade quilombola, possivelmente por um processo de lutas sendo reflexo do período histórico. A terra foi fundamental para a existência e permanência desse povo modo de vida e resistência

atrelada ao sentimento de pertencimento à comunidade quilombola, que é marcada por uma tradição, pelo respeito e reprodução social e econômica.

O que dá sentido de pertencimento ao lugar é a luta em conjunto por elementos étnicos construídos em um território assegurando geração em geração o sentimento de pertencer a uma identidade de um grupo que vive na coletividade.

No processo de construção da identidade no território, as identidades são construções de caráter simbólico e domínio de luta política, buscando afirmar a diferença do grupo, a fim de garantir a continuidade dos seus valores e modos de vida (MALCHER, 2006, p.10 *apud* SILVA, 2012, p.12).

O território expressa-se para além de um mero espaço físico. É construído por um sentimento permeado nas lembranças do que já aconteceu dos familiares que estiveram e não mais esta, do presente e do cotidiano vivido.

O que irá dar poder no sentido do pertencimento é o processo construção da identidade. Nesse caso podemos afirmar que as relações existentes entre esse povo remanescente são formadas basicamente de acordo com a construção de imagens guardadas historicamente expostas em reproduções sociais de acordo com Stuart Hall.

A representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra. (Stuart Hall, *apud* Fernandes, 2016 p. 104).

São essas representações que dão sentido a esses grupos essa diferenciação que define sua identidade nesse território. Gomes (2003) *apud* Fernandes (2016 p. 116) vai dizer que reconhecer-se numa identidade “supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo de referência”.

Dessa forma deixado traços identitários existente no território a partir de uma dinamicidade da identidade, ela não acaba, está sempre se renovando, a partir de ações num determinado território, ou seja, a identidade manifesta-se a partir do auto reconhecimento e conscientização das diferenças de um povo nesse caso o tradicional, e é através dessas marcas deixada que a identidade passa por um processo de construção ou reconstrução, nas suas expressões como dança, modo de organização entre outros.

Portanto, analisa-se a comunidade quilombola Sítio Lages como objeto de estudo dessa pesquisa pelo fato de a mesma demonstrar uma cultura de grande relevância, ou seja, uma cultura que nos faz reverberar sobre o que é ensinado pelo mais velho até o mais novo. Foram realizadas entrevistas com os moradores da comunidade, elencadas logo abaixo, apresentando os pontos positivos e negativos da referida comunidade.

Os membros da comunidade têm uma compreensão acerca do que seria quilombo, pois em conversa com a ex-presidente da comunidade e conversas informais com algumas pessoas, eles têm conhecimento que são um grupo de pessoas escravizadas que fugiram para um lugar seguro, e eles são resultado de um povo que lutou por melhorias das próximas gerações, entretanto que faz questão de preservar algumas coisas deixadas pelos seus antepassados.

De acordo com a segunda pergunta, percebe-se que as ideias deste povo estão interligadas, porque ao conversar, é possível identificar que eles têm conhecimento de onde vieram. Pois ao perguntar como perceberam esse parentesco com pessoas escravizadas, então um dos mais antigos em conversas contando histórias dos mais velhos, o morador J. P. começou a interagir mais com esse assunto e ele sempre envolvido em outros movimentos e associações, buscou saber como faria para legalizar uma comunidade tradicional e conseguiu essas informações, por fim certificar-se.

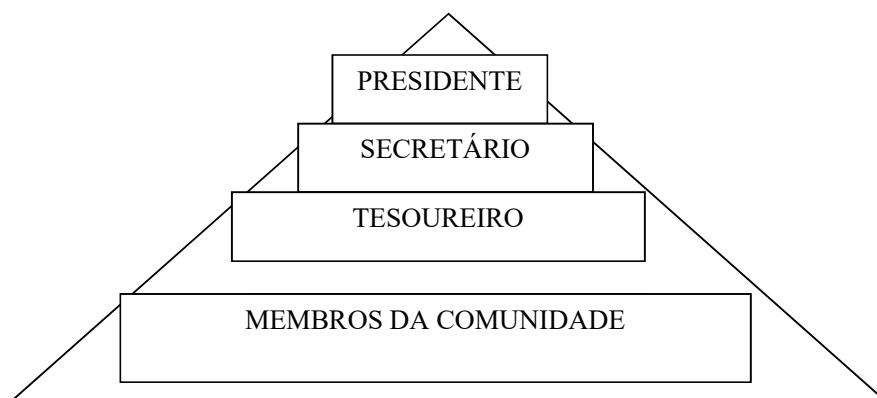
**Figura 7. Reunião semestral com membros da comunidade quilombola Sítio Lages.**



Autora (2019)

Os membros da comunidade reúnem-se a cada três meses (ver figura 7), esse grupo que auto reconhece como descendentes e estão interligados através do território, costumes em comuns. Em relação a divisão da terra, por questões pessoais decidiram não discutir, por que teriam que ter a certificação do INCRA para dividir o território, por se tratar de uma comunidade tradicional era necessário repartir por igual, porém são terras de heranças, e alguns da comunidades tinham comprado terras entre eles e vendido para pessoas que não é da comunidade, nesse período os que venderam não sabiam a importância da terra, para não entrarem em conflito resolveram deixar sem a divisão feita pelo INCRA , pois acreditam que iria gerar conflitos na comunidade e querem viver em harmonia.

Atualmente todos têm conhecimento de sua origem, que há muitos anos constituíram suas moradias, trazendo consigo sua cultura que a partir dali ficou passando para os próximos de sua geração. Isso foi de extrema importância, pois muitos não conheciam sua história e passaram, a conhecer suas origens. A forma da política organizacional da comunidade se dar da seguinte forma: Presidente, Secretário, Tesoureiro e Membros da Comunidade onde cada um compõe seu papel de participante, veremos na pirâmide a seguir.



Toda comunidade remanescente quilombola reconhece e orgulha-se de sua descendência, de um povo resistente, e que sempre lutou pelos seus ideais, um deste era a “liberdade” e que essa luta não para apenas vivenciada em outro cenário esse atual. Desta forma busca manter o que é mais forte para eles, a cultura expressa na dança quando cantam o Samba Tebei e o Reisado.

Nesse sentido os processos de construção de identidade no território são transmitidos para as crianças e jovens a cultura do Sítio Lages. Veremos a seguir no próximo tópico.

### **3.3 A identidade de uma Comunidade Quilombola**

A história de vida traçada em uma comunidade se dá pelo fato histórico existente nesse território, pois está ali o que foi produzido antes das gerações mais recentes e o que diariamente está sendo produzidos da coletividade ali mantidos, os sonhos, a religiosidade construindo as características próprias de um povo tradicional.

Território e identidade estão intimamente relacionados enquanto um estilo de vida, uma forma de ver, fazer e sentir o mundo. Um espaço social próprio específico, com formas de singulares de transmissão de bens materiais e imateriais para a comunidade. Bens esses que se transformarão no legado de uma memória coletiva, um patrimônio simbólico do grupo. (PBQ, 2004 *apud* SILVA, 2014 p. 165).

Nesse caso Kabengele Munanga (2003) vai dizer que as comunidades quilombolas ou remanescentes dos quilombos, apesar de terem alguns problemas comuns, apresentam também histórias, culturas e religiões diferentes. Assim a terra da comunidade remanescente quilombola, reproduz sentimento tão forte que chega a garantir a seguridade tornando-se lugar de reprodução social, física, cultural e econômica. Esse espaço vai tornando de uso coletivo numa perspectiva que compreende seus costumes, tradições e condições de permanência.

É perceptível o forte sentimento e significado simbólico referente a esse espaço geográfico necessário para a continuidade da permanência na comunidade. A atividade econômica baseia-se na agricultura de subsistência permitindo-nos o entendimento do território como categoria chave para compreender a lógica da comunidade permitindo a análise da identidade daquele povo a partir do seu modo de trabalhar refletindo-se também a partir das manifestações culturais.

As transmissões de conhecimento para as próximas gerações tanto material no caso o que se tem produzido, quanto imaterial o que vai ficar guardado na mente de cada um, são fortes elementos de identidade contida na comunidade quilombola.

Elementos esses que vão desde os que fazem questão de preservar e passar de geração em geração até os dias atuais, como por exemplo, o que marca a comunidade quilombola Sítio Lages é o cuidado com a terra, a forma de trabalhar mantendo um formato tradicional, uma forma de expressar a cultura e tradição no Sítio Lages e na forma de trabalho denominando “dias trocados” e acontece da seguinte forma; uma determinada família trabalha no roçado e por não ter dinheiro para pagar o trabalhador em outro momento ou na semana seguinte faz a troca, trabalham como se fosse pagamento dos dias trabalhados, outra forma tradicional e a troca de sementes ou denominado de “terça” se caso não tivesse a semente para plantio era ofertado uma saca para ser plantada e quando fosse período da colheita eram devolvidas três sacas para a pessoa que ofertou.

Outra forma quando o vizinho não tinha condições de comprar a semente, nem ao menos pagar um trabalhador, pegavam a semente para plantar e colher se acaso não colher - se e o período de chuva estivesse sido escasso para ambas não perder, era dado esta semente por “ameia” nesse caso quando colhesse dividia por partes iguais a quantidade colhida, mas se caso não colhesse a semente nova não estaria com dívida alguma, diferente do termo “terça”, pois se não obtivessem nenhuma colheita o ficavam devendo as três sacas.

Os processos culturais estão relacionados na expressão do sentimento de pertencimento quando eles dançam o samba Tebei, por meio do qual é entoado com uma canção e a batida do pé no chão. Simbolizando as construções do piso das casas que eram de barro para amenizar o cansaço e tornar aquele trabalho divertido, onde hoje o samba Tebei é praticado até os dias atuais na comunidade, é nesse momento que eles expressam o sentimento através de sua cultura.

É mantido na comunidade rodas de diálogos para relembrar as histórias dos mais antigos da comunidade, contar adivinhações e versos, então essas rodas de conversas antes acontecia da seguinte forma: não havia energia nas casas basicamente a luz era do candeeiro e para não dormir cedo reuniam se na frente de casa para contar histórias e conversar. A seguir veremos algumas histórias versos, canções do samba Tebei e para a o dia de colheita de feijão.

As histórias eram contadas e no momento parecia ser real, pois imaginavam aquela cena e todos ficavam amedrontados.

**Fogo Corredor:**

Era uma vez uma bola de fogo encantada e ao ver desaparecia imediatamente, pois ela vem em seu encontro e não é todos que a veem, só algumas pessoas e quando é revelada esta visão essa bola de fogo era difícil de acreditar, porém ficavam com medo dela aparecer novamente. (Comunidade Quilombola Lages)

**Versos:**

“Em cima daquela cerra passa boi passa boiada  
“Só não passa moreninha do cabelo cacheado”.

Fui para fonte das pedrinhas, fui fazer as minhas queixas  
Um das pedras me disse, que amor firme não se deixa”.

“Vou fazer um buquê da fulô da macambira  
Para dar mato esses gabolas que se gaba das mentiras”.

“Quem quiser pegar amor, marra um laço na parede  
Que ainda ontem eu peguei um, com laço de fita verde”.

(Comunidade Quilombola Lages)

**Canções do samba Tebei: versos cantados****Canta Canta Gargalhada**

“Canta canta gargalhada,  
Canta paturi Marreca,  
Que o tatu não se atrepa,  
Que tem os pés aleijados,  
Que tem os pés aleijado,  
Que tem os pés aleijado (canta três vezes) ”.

(Comunidade Quilombola Lages)

**Paletó de Negro**

“Imburana é pau de abelha,  
Xique - xique é pau de espinho,  
Xalé de besta é cangaia,  
Paletó de nego é peia”.

(Comunidade Quilombola Lages)

**Preto**

“Quem disser que preto é feio,  
 Mais feio é suas canelas,  
 Com preto é que se escreve,  
 Cartinhas pra nosso amor”.

(Comunidade Quilombola Lages)

**Cavalo preto**

“Cavalo preto,  
 Preto da cor de veneno, Tava no mato comendo,  
 Quando seu dono chegou, Eu peguei ele,  
 De’le uma ração de mio, eu morro no ferro frio,  
 Mas a morena eu não dou. (repete três vezes)

(Comunidade Quilombola Lages)

**Canções para colheita de Feijão:**

“Pau pereiro pau pereiro  
 Pau pereiro ingratidão  
 Todo pau fulora e cai  
 So o pau pereiro não”.

“O que tem hoje bozó  
 Que não posso mais jogar  
 Na mesa do jogador  
 Já joguei não jogo mais”.

(Comunidade Quilombola Lages)

Como podemos analisar na figura 8, mesmo as gerações mais novas não deixam morrer a simbologia da casa de taipa (barro), pois de acordo com os membros da comunidade deixa permanecer por que ali tem história, e é símbolo de resistência.



**Figura 8. Comunidade Quilombola Sítio Lages, sentimento de pertencimento**



Autora (2014)

Ao analisarmos a comunidade quilombola percebemos a falta de políticas públicas. Embora esta prática ocorra à comunidade não deixa de buscar melhorias não deixando de lado os hábitos que costumam seguir, não se desprende de sua cultura, que temos como exemplo a figura 8, então a identidade está intimamente atrelada a comunidade, sobre um território marcado por história contidas na mente de cada um, historias essas ditas pelos pais ou avós, o que é difícil de ser esquecido.

Fernandes (2016) vai dizer que quando uma representação é introduzida na subjetividade, ela será remodelada e reconstruída para relacionar-se e articular-se com outras representações. Stuart Hall 1996 *apud* Fernandes (2016) compreende a identidade como ponto de “sutura”, ou seja, encontro entre discursos e práticas sociais (nível social) e processos subjetivos (nível psíquico) – “As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós”.

Nessa perspectiva percebe-se que a comunidade mantém viva a história e ao preservar o que tem contida no sentimento de pertencimento no território que traz uma conduta na representação social em relação ao objeto, ou seja, com a permanência da casa de taipa (barro) e como está próxima da história, ou estivesse sempre presente.

**Figura 9. Comunidade quilombola Lajes, símbolo de resistência e identidade da cultura negra.**



Autora (2014).

Para ter uma real identidade é necessário o auto reconhecimento para a realização das suas ideais do pertencimento. Este processo de auto reconhecimento ultrapassa alguns costumes culturais pela influência tecnológica que tenta inviabilizar a reprodução no período histórico de algumas tradições outrora mais enraizadas ou nítidas.

É nesse sentido que entendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela nossa própria identidade (GOMES, 2002 p. 2).

É a partir do auto reconhecimento, que ocorre a aceitação das comunidades como remanescente quilombola para além da cor de pele e manifestações culturais apresentadas, mediante os outros grupos dentro da sociedade. Acredita-se que o caminho para formar uma identidade étnica racial não estaria mais restrito apenas a memória de cada um, mas sim toda a comunidade e assim permanece a comunidade Sítio Lages, com suas crenças e rituais culturais.

A participação social de comunidades tradicionais no território é um tema amplo a ser discutido, principalmente por estar tratando de pessoas de um dado espaço geográfico, sabe-se que nesse espaço há conflitos sociais, bem como de identidade através dos processos de apropriações e dominação

Nesse caso o homem é um ser transformador, e pode mudar e melhorar de acordo com sua necessidade, embora devesse ser mais crítico pensar de certa forma na coletividade e para que isso aconteça faz-se necessário transformar-se nas práxis, pois através desta agiria sobre o real, e é preciso a coerência entre o que é discutido e o que realizado, dessa forma contribuir para uma sociedade justa e social, mais autônoma que valorize as identidades, os saberes entre outros. Assim os territórios precisam ser entendidos como espaço de poder, mas sabendo usar esse espaço para o seu desenvolvimento e objetivado na finalidade da participação, cooperação preservação e valorização de seu patrimônio cultural.

Sabe-se que desenvolver um espaço cultural às vezes pode ser contraditório e conflituoso porque há o envolvimento político econômico e cultural e são capazes de organizar-se coletivamente ou não por meios de suas ligações tanto internas como externas na finalidade de manter a reprodução bem como o desenvolvimento do território, podemos perceber a importância de analisar as comunidades tradicionais (quilombolas, indígenas entre outros grupos) para entender como o lugar e o território se desenvolvem através de suas organizações.

Dessa forma a identidade está ligada à pessoas, economia, cultura e política dentro do território, significa pertencimento e possibilidade de resistência para o desenvolvimento coletivo, na qual mantém sua tradição, são sujeitos capazes de organização e desenvolver-se e valorizar a sua cultura. A identidade é o resultado do processo histórico da construção de cada território e suas relações com o ambiente externo da sociedade, então a identidade é precisamente de atores envolvido com o patrimônio cultural onde preserva e valoriza o espaço.

Portanto o território é feito a partir da valorização e participação coletiva nos interesses das lutas e pela realização de sonhos em comum, então a identidade está extremamente ligada ao território. O território é produzido por meio das territorialidades, num processo histórico e social centrado nas relações de poder, nas redes (envolvendo e

sendo envolvidas por nós e malhas) e nas identidades (RAFFESTIN *apud* SAQUET, 2014, p. 21). A territorialidade pode levar a construção da identidade, sendo assim a tentativa de colocar em prática para o desenvolvimento da identidade cultural sendo assim território de existência e resistência de luta e produção.

A conjugação conceitual território - lugar é muito importante, pois é uma das formas para compreender e explicar as relações de poder, as identidades, os pertencimentos, as diferenças etc. [...] O território – lugar constitui-se numa relação espaço – tempo em que o povo vive, sente, percebe, sofre, interage social, espiritual e naturalmente (SAQUET, 2014, p. 27).

É necessário entender o território para valorizar e preservar os saberes e tradições de certa maneira, também perceber o cuidado com o território, como as comunidades tradicionais têm e a preocupação de manter o trabalho artesanal ou dança tradicional, essa ação é entendida como reafirmação da identidade e fortalecimento da mesma.

Quando há o processo de fortalecimento está atrelado à busca da autonomia tanto na construção de intelectual, mas preservando os saberes locais, tradicionais, pois quando se trata de movimento ou comunidades tradicionais vai além da esfera política, a partir desses movimentos atuando em todo Brasil e alguns países há uma emergência de vários outros movimentos com a mesma perspectiva, luta pela afirmação de territorialidade identidade, território etc.

A constituição de novos sujeitos dá-se nas lutas de afirmação de suas identidades culturais políticas pautadas na territorialidade, logo, são lutas pela afirmação de suas identidades territoriais (CRUZ, 2014, p. 55).

É uma ação mostrar sua resistência e existência, onde algumas esferas públicas fazem questão de esquecer e essas lutas são uma forma de garantias do direito cultural, social e político, assim mantendo-se resistente, e toda forma de luta por identidade territorial de certo modo não deixa de ser uma identidade social baseada no território onde há uma apropriação desse espaço geográfico.

Refere-se a lutas identitárias por direito a reprodução no território mantendo o modo de vida tradicional além de garantir o meio de subsistência e manter uma estrutura social, então o território é fundamental para garantir a identidade, pois o laço territorial tem poder e revela naquele espaço não apenas sentimento material vai além, bem como

étnico e espiritual, ou seja, para uma comunidade quilombola o sentimento de pertencimento explica a relação com o território.

[...] o direito a um território próprio significa o direito às suas peculiares formas de dar sentido ao mundo através de uma memória, de uma linguagem, de um imaginário, de formas de saberes, de formas de crença que constituem sua existência, sua cultura e sua cosmologia (CRUZ, 2014, p. 64).

Quando há a manifestação sobre o direito, além da busca do território e resistência da identidade há também atrelado o direito da autonomia simbólica na finalidade de consolidar as lutas, onde é uma forma de dominação e reconhecimento. Embora o que transforma a terra em território, além do reconhecimento é a cultura, a memória os saberes e a ancestralidade.

Falar ou construir identidade negra não se limita à identidade, vai além, é um processo mais amplo diria até mais complexo. Nesse caso a construção da identidade negra perpassa por uma dimensão pessoal e social em relação à autoafirmação e esses dois termos não podem seguir separadamente, pois a autoafirmação enquanto identidade negra se constrói interligado para manutenção de um determinado grupo tradicional.

Dessa forma o sujeito atua na sociedade com cultura e história, assim define sua identidade além da racial, são distintas e múltiplas dentre elas identidade de gênero, etc., assim podemos interpretar identidades em diferentes situações no âmbito individual e agrupamento social.

O auto reconhecimento da própria identidade define o sentido de pertencimento a um grupo social. Isso não acontece de forma simples, pois se trata de estar inserido em múltiplas identidades que pode cobrar do sujeito ao mesmo tempo em que ele afirma sua identidade, então são indivíduos de muitas identidades e que algumas delas podem ser provisórias, com certo tempo são descartadas, desse modo a identidade tem um caráter diversificado, pode ser instável, histórico, cultural e social.

Dessa forma se constrói com o passar do tempo essas diversas identidade, a identidade negra não é diferente ela acontece com o sentimento de pertencimento estabelecido nos grupos ou movimento que neste envolve várias causas e efeitos. O processo de sentir-se pertencente inicia na família e a partir deste vai se ramificando e estabelecendo relações criando laços. No entanto essa identidade negra descrita aqui é

compreendida como uma construção histórica e cultural, no olhar voltado para o étnico - racial e suas relações dentro de um grupo.

Em meio a tudo isso há um problema na construção da identidade negra, sabe-se que historicamente na sociedade os negros foram ensinados a negar sua identidade para que houvesse uma aceitação da inserção na sociedade e isso às vezes é passado despercebido aos nossos olhos, se fossemos analisar, será que estamos atentos a essas questões em todos ambientes como na escola por exemplo?

Compreender a identidade negra no Brasil faz necessário ter um conhecimento além do sentido simbólico, cultural, sobretudo no sentido político. Segundo o antropólogo Kabengele Munanga *apud* Gomes (1994 p. 187).

A tomada de consciência de um segmento étnico-racial excluído da participação na sociedade, para a qual contribuiu economicamente, com trabalho gratuito como escravo, e também culturalmente, em todos os tempos na história do Brasil.

Tomar consciência sobre o significado de raça e avançar a compreensão do processo de formação do Brasil baseado no trabalho escravo. Dessa forma, dá sentido a percepção e aproxima do entender sobre o racismo existente no país, bem como, obter conhecimento da política do discurso antirracista, que tenta desmistificar o porquê da desvalorização do negro.

Nesse caso, cabe perceber o Brasil da forma que ele é culturalmente diversificado e a identidade negra é um processo de construção de espaços, onde estes espaços construídos na trajetória escolar, pois é nela que acontece esse aprendizado de respeitar, de obter responsabilidade para serem sujeitos atuantes e transformadores da sociedade, a fim de encerrar o preconceito racial, além de se auto afirmar enquanto negro.

#### 4. CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DA INSTITUIÇÃO

O projeto político pedagógico (PPP) da escola Luiz Tertuliano da Paz demonstra como se organiza o trabalho pedagógico em sua plenitude, visto que esse reúne suas especialidades, níveis e modalidades ofertadas pela instituição de ensino.

A proposta de organização curricular defendida pela escola possibilita compreender o papel da escola e da equipe em ajudar os alunos a construírem sua subjetividade como pessoa, como sujeitos portadores de uma identidade cultural e pertencentes à humanidade (PPP da EMLTDP, 2016).

Essa instituição, conforme a análise de seu projeto político pedagógico, identifica-se com o processo de construção de uma sociedade mais justa. É um espaço onde o trabalho pedagógico é entendido como uma prática de vida, tendo em vista a formação de cidadãos que possam interagir e contribuir para sua comunidade.

Uma instituição de ensino que busca atuar sob uma perspectiva democrática, competente e comprometida com a aprendizagem significativa do aluno, procurando transformar informações em saberes necessários à vida dos alunos. É ainda uma escola que se compromete com a educação de crianças, jovens e adultos das classes menos favorecidas. Tal instituição recebe alunos de várias comunidades circunvizinhas.

**Figuras 10 e 11. Escudo e nota no IDEB 2015 da escola Luiz Tertuliano da Paz.**



Autora (2019)

Suas concepções pedagógicas, conforme o projeto político pedagógico admite o seguinte:

O homem, na atualidade é um ser competitivo e egoísta, fruto das relações impostas pelo modelo de sociedade em vigor. Porém, a luta deve ser por um homem social, voltado para o seu bem próprio, mas acima de tudo, para o bem-estar grupo do qual faz parte (PPP da EMLTP, 2016).

Educação é o processo pelo qual o ser humano adquire conhecimentos gerais, científicos, artísticos, técnico ou especializado, com a intenção de desenvolver suas capacidades ou aptidões. Além de tais conhecimentos, o ser humano também adquire pela educação certos hábitos e atitudes.

A sociedade em que a escola se insere é capitalista, competitiva baseada nas ações e resultados, por isso precisa-se construir uma sociedade libertadora, crítica reflexiva, igualitária, democrática e integradora produto das relações entre as pessoas, caracterizadas pela interação de diversas culturas em que cada cidadão constrói a sua existência no coletivo.

A educação deve acompanhar e formar o homem em sua totalidade, de modo que ele esteja à altura das funções que lhe incumbem a vida. Através do princípio da educação, o homem impulsiona o conhecimento e a descoberta do outro. A educação é acima de tudo, o meio pelo o qual o povo recria perpetuamente as condições da própria existência, transmitindo firmemente suas crenças, valores e habilidades (PPP da EMLTP, 2016).

O professor é um profissional que deve estar preparado de um modo bastante amplo, não só formado para assumir uma matéria de ensino específica, mas para atender turmas diversificadas, que exige muito mais do que aprender um conteúdo, mas resgatar os valores de vida que formam o cidadão digno e capaz de fazer parte da sociedade na qual vive.

Podemos perceber que o papel social da escola consiste em educar o indivíduo para que este exerça plenamente sua cidadania, visando à formação ética, a autonomia intelectual, a sua inserção no mercado de trabalho e não pratica social.



#### 4.1 Distrito Piau: Escola Luiz Tertuliano da Paz

A Escola Luiz Tertuliano da Paz localiza-se no distrito Piau na Praça Gesse Gomes da Silva, no município de Piranhas, região semiárida de Alagoas. O distrito Piau recebeu esse nome por passar em suas terras o Rio Capiá, um rio temporário de rara beleza onde no início do povoamento do Distrito encontrava-se um tipo de peixe chamado “Piau”. Sua população é composta em sua maioria por agricultores e o restante da população por comerciantes, funcionários públicos, municipal e estadual. O município de Piranhas possui atualmente de acordo com o IBGE 23.520 habitantes.

**Figura 12 e 13. Fachada da instituição e Centro do Distrito Piau**



Autora (2019)

A população do Distrito Piau é bem diversificada e está crescendo aos poucos pois possui um posto de saúde que atende 24 horas, uma delegacia, três escolas, sendo uma estadual e duas municipais, uma creche e uma biblioteca municipal, seis farmácias, mercados, feira livre, frigorífico e diversas lojas.

Suas festividades são: São Pedro que é comemorado dia 28 de junho, a festa do Padroeiro Senhor do Bonfim, na última semana de outubro missa do Vaqueiro e a procissão de Santa Quitéria que são comemoradas em setembro.

O distrito Piau possui folclore composto por um Reisado, a banda de Pífano, e o samba Tebei, dentre todos o samba é a cultura mais antiga um dos pontos fortes que permanece na comunidade quilombola Sítio Lajes deixando-a viva. No dia 20 de novembro é comemorado o Dia da Consciência Negra onde saem da comunidade

quilombola em passeata com faixas até o centro do distrito Piau e fazem apresentações capoeira, samba Tebei, Maculelê, entre outras, palestras com os membros da comunidade onde expressa suas inquietações, pois além comemorar também é momento de cobrar as autoridades e dizer que eles existem.

**Figura 14 e 15. Participação da Comunidade quilombola Sítio Lages no desfile Cívico do Distrito Piau município de Piranhas. E Representação do samba Tebéi / segmento de uma cultura.**



Autora (2018)

O nome da escola foi dado em homenagem ao político e oficial da justiça Luiz Tertuliano da Paz que se empenhou na luta pelo desenvolvimento da educação e desenvolvimento social da comunidade. A escola tem um propósito previsto em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), que visa trabalhar para o futuro fomentando estratégias para o aprofundamento da pluralidade cultural.

Mantém-se uma instituição com o processo de ensino que propõe uma educação crítica à serviço das transformações sociais esta cumpre sua função social e política quando se assegura a difusão de conhecimentos sistemáticos, tanto pelo professor quanto pelo aluno, preparando o indivíduo para viver na sociedade.

Percebe-se que a escola Luiz Tertuliano da Paz está bastante empenhada no objetivo ensino-aprendizagem, pois busca com seriedade, e vivencia o contexto local da comunidade tendo assim uma relação escola-comunidade-família.

Seria interessante que todas as escolas pudessem se transformar em um centro de educação enraizada no contexto local, por mais que esteja trabalhando escola comunidade e família de alunos, ainda há a necessidade de trabalhar mais com a cultura local, com as comunidades tradicionais no qual recebem alunos dessas comunidades porem não traz esse debate em sala de aula no ano letivo, passando por despercebido os traços e a cultura local de certa forma, pois a comunidade quilombola tem grande influência para o distrito Piau bem como a escola Luiz Tertuliano da Paz.

A educação contextualizada tem hoje o campo da gestão como principal ponto a ser enfrentado, trazido a público, sob a possibilidade de que as proposições políticas e mudanças idealizadas por este movimento não passem das iniciativas, solitárias, corajosas e isoladas, de alguns professores e escolas que estão sempre sob a ameaça dos rompimentos “inevitáveis” das administrações locais (SOUZA, 2006 *apud* MEDEIROS et al, 2011 p. 444).

A contribuição da escola para o distrito Piau e município Piranhas é trazer o conceito de escola cidadã e como fator fundamental destaca-se a inclusão de todos no ambiente escolar, embora haja alguns problemas que a escola enfrenta como o não comprometimento dos pais de alunos, a necessidade de mão de obra na agricultura familiar e o êxodo rural faz com que a escola tenha um elevado número de evasão escolar.

A gestão da escola, bem como os professores tem desafios diariamente, pois o distrito Piau é composto em sua maioria por famílias de baixa renda, que convive com problemas que afetam diretamente na aprendizagem de muitos alunos, como o desemprego dos pais, analfabetismo, alimentação inadequada, drogas e falta de segurança, problemas esses que são trazidos para a instituição, onde de certa forma dificulta o ensino-aprendizado de muitos educandos.

Os desafios presentes na escola proporcionam o querer de os funcionários contornar essa realidade, embora ultimamente ela vem enfrentando as integrações das contribuições de diferentes paradigmas teóricos no planejamento e no dia a dia da sala de aula.

O processo que envolve ensino aprendizagem tem diversas maneiras de aprender, o importante é sabermos como chegamos a esse conhecimento. E que aportes cada paradigma trouxe para ajudar o ensino. Essas são questões teóricas que enfatizam determinadas dimensões da aprendizagem. Nesse caso a teoria depende da pratica para que o ensino-aprendizagem possa ser efetivado de forma sólida.

A relação existente entre teoria e prática é essencial, deve partir do conceito de educação básica e enfatizar a relação íntima entre cuidar e educar processo que se inicia na educação infantil que deve ser estendida até as series finais. O cuidado é entendido como educar, instruir e acolher a crianças, adolescentes, jovens e adultos, com respeito e educação a todos os alunos, visando à qualidade sempre. Cuidar e educar são compreender que faz parte do princípio da formação de todo ser humano.

Toda teoria e pratica que rodeia o universo chamado educação são executadas na escola direcionando o ensino aprendizado.

A Educação Básica é direito universal e alicerce indispensável para a capacidade de exercer em plenitude o direito à cidadania. É o tempo, o espaço e o contexto em que o sujeito aprende a constituir e reconstituir a sua identidade, em meio a transformações corporais, afetivo emocionais, sócio emocionais, cognitivas e socioculturais, respeitando e valorizando as diferenças. Liberdade e pluralidade tornam-se, portanto, exigências do projeto educacional (DCNGEB, p. 17, 2012).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica apresentam com clareza o que o educador deverá fazer, qual seu papel nesse universo da educação e contém a informação que qualquer pessoa terá liberdade, igualdade, diversidade, respeito, entre outros. Assim percebe-se que o processo de avaliação se torna eficaz com bom aproveitamento do aluno na escola. Mas não convém utilizar apenas um único instrumento de avaliação ou apenas confiar neste é recomendável empregar várias técnicas, pois o processo de ensino deve seguir a capacidade de aprender de cada aluno.

## **5. DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA**

A presença de negros nas escolas por um longo período foi impedida de forma que não houvesse possibilidade de estarem inserido nesses espaços escolares. Desta forma foi necessário criar decretos e leis em defesa do negro, tais criações são conquistas de movimentos negros e de educadores, pois era necessário discutir as questões étnico-raciais nas escolas, protegido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e tem como objetivo de melhorar o ensino e a formação de cidadãos críticos e conscientes na sociedade.

Nas comunidades remanescentes de quilombos, a escola e de difícil acesso, os meios de transporte são insuficientes, e o currículo escolar está longe da realidade desses meninos e meninas. Raramente os alunos quilombolas veem em sua história, sua cultura e as particularidades de sua vida nos programas de aula e nos materiais pedagógicos (PNID). De fato, na escola Luiz Tertuliano da Paz não trabalha com material voltado aos alunos de comunidades tradicionais o que faz com que crianças, jovens e adultos saiam de suas comunidades de origem e o currículo está longe da realidade cultural do aluno. Ainda há comunidades que não tem escolas quilombola no território de origem e na comunidade quilombola Lages não é diferente.

As comunidades remanescentes quilombola apresentam características educacionais, social, política e cultural próprias, com peculiaridade no processo histórico geográfico, pois este, envolve espaço, lugar e origem. Analisando essas características em 20 de novembro de 2012, através das lutas quilombolas e de educadores, o ministro da educação veio homologar a resolução CNE 08/2012 na qual determina as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola na Educação Básica (DCNEEQEB).

O que está definido na DCNEEQEB, que a Educação Escolar Quilombola necessita de uma pedagogia própria pelo fato de manter os traços culturais trazido da comunidade pelos alunos e pais para a escola, essa modalidade de ensino fornece materiais didáticos específicos, para as escolas que recebem alunos remanescente quilombola que sai de sua comunidade, então está contido nos pontos principais da constituição que é dever ofertar um ensino diferenciado por abranger o aspecto cultural e histórico-geográfico.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola surgem a partir de lutas de movimentos negros, pois é uma vitória para esse povo, principalmente os remanescentes quilombolas, essa conquista veio contribuir com ensino brasileiro, onde as diretrizes norteiam o ensino buscando valorizar os saberes e culturas. Essa valorização parte da construção do projeto político pedagógico (PPP) das escolas, bem como, a formação de professores voltada a essa modalidade é essencial para o ensino. E para que seja construído o PPP, é necessário que haja participação de toda escola e principalmente da comunidade, revelando o compromisso e respeito pela identidade das comunidades quilombola.

Nas DCNEEQ, apresenta a relevância dos estudos da memória, etnodesenvolvimento, tudo que foi produzido ao longo do tempo por essa determinada comunidade, é importante que os professores tenham a formação continuada para educação escolar quilombola além, da inserção acerca da realidade quilombola no material didático e paradidático existente no auxílio para professores nas disciplinas.

As DCNEEQEB foram elaboradas baseadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. De acordo com as Diretrizes:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural (DCNEEQ, 2012, p. 46).

Nesse caso, a comunidade quilombola Lages não possuindo uma escola em seu território. A escola que atende os alunos precisa cadastrá-los no censo escolar e buscar materiais paradidáticos, pois não tem material didático disponível voltado aos alunos da comunidade quilombola.

Embasado nas diretrizes, e impulsionada pelas conferências a educação escolar quilombola ganha um caráter a partir das discussões plausíveis da Primeira Conferência Nacional de Educação (CONAE). A partir daí a educação escolar quilombola apresenta normativas acrescentadas do currículo de escola básica.

A modalidade Educação Escolar Quilombola articula-se ao projeto de sistematização da educação nacional, atendendo aos interesses das comunidades quilombola espalhadas por todo o país. Visa enaltecer aspectos importantes constitutivos das vivências quilombolas, suas lutas, a organização interna, o fortalecimento da vida comunitária através do restabelecimento de

costumes, as práticas sociais arraigadas e o combate ao racismo e à discriminação (SILVA, 2015, p. 48).

Buscar ou elaborar novas propostas para a educação quilombola não exprime anular os conhecimentos escolares adquiridos, mas visa agrupar esses conhecimentos às dinâmicas de saberes do dia a dia, os desafios e dificuldades enfrentadas pelas comunidades quilombola. Assim é necessário considerar o lugar para desenvolver a educação quilombola. Tendo em vista o material didático, que trará conteúdo relacionado a natureza histórico e cultural promovendo um sentido maior para os alunos/as de comunidade quilombola.

A CONAE (2010, p. 133-132), no eixo VI - justiça social, educação e Trabalho: inclusão, diversidade e Igualdade, documento final, recomenda “pensar em políticas públicas para a justiça social, educação e trabalho, considerando a inclusão, a diversidade e a igualdade de forma concreta e radical, em relação a educação quilombola os remanescentes de quilombo irão conseguir:

- a) Garantir a elaboração de uma legislação específica para a educação quilombola, com a participação do movimento negro quilombola, assegurando o direito à preservação de suas manifestações culturais e à sustentabilidade de seu território tradicional.
- b) Garantir a transformação dos sistemas educacionais em inclusivos e a afirmação da escola como espaço fundamental na valorização da diversidade e garantia de cidadania.
- c) Incluir crianças, adolescentes, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais, no ensino regular.
- d) Garantir a participação da família e da comunidade nas instituições educativas.
- e) Concretizar, dentro da política de valorização e formação dos/das profissionais da educação em nível nacional, a formação para a inclusão de docentes para o atendimento educacional especializado e dos/das demais profissionais da educação.
- f) Garantir e ampliar o atendimento educacional especializado, do nascimento aos três anos, por meio de serviços de intervenção precoce, que otimizem o processo de desenvolvimento e aprendizagem, em interface com os serviços de saúde e assistência social.
- g) Instituir o Plano Nacional de Educação Quilombola, visando à valorização plena das culturas das comunidades quilombolas, à afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.
- h) Assegurar que a atividade docente nas escolas quilombolas seja exercida preferencialmente por professores/as oriundos/as das comunidades quilombolas.

Dentre esses pontos citados, apresenta a importância em manter e fazer acontecer essas diretrizes em pauta, tendo em vista o objetivo de todas as conferências direcionadas

a educação para todos em especial a educação escolar quilombola e de discutir e identificar táticas de ação para construção do plano nacional de educação.

É necessário manter um fortalecimento a partir das propostas pedagógicas identificando no projeto político a identidade da comunidade no qual esse projeto será construído, juntamente com a comunidade visando, à diversidade, cultura, ancestralidade, resistência ao racismo, territorialidade, bem como as relações étnicas racial. E atendendo todos os níveis de fundamental importância para o desenvolvimento social do cidadão, mantendo a base nacional dos princípios da educação básica.

A resolução de nº 8, da Câmara de Educação Básica (CEB), publicado dia 20 de novembro de 2012, relatora, Nilma Lino Gomes, observou a definição sobre Educação Escolar Quilombola.

Essa modalidade de educação deverá ser ofertada por estabelecimentos de ensino, públicos e privados, localizados em comunidades reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis como quilombolas, rurais e urbanas, bem como por estabelecimentos de ensino próximos aos territórios quilombolas e que recebem parte significativa dos seus estudantes. (CEB, 2012, p. 26).

E necessário analisar a realidade educacional e perceber que muitos estudantes frequentam escola fora de suas comunidades de origem, pensando assim a educação escolar quilombola tem uma maior abrangência com foco na realidade do território preocupando se com a permanência da cultura e auto reconhecimento de sua identidade. Portanto cabe ressaltar que o currículo e o projeto político pedagógico precisam estar em conexão com a realidade local, além de pensar na formação de professores voltado as questões étnico raciais para que tenha conhecimento da história de quilombos e seus desafios enfrentados pelo povo quilombola.

A Educação Escolar Quilombola baseada nas Diretrizes da Educação Básica, atende aos diferentes níveis desde o infantil ao médio, seguindo os princípios que apresenta a base nacional e a educação brasileira. Com a participação de representantes bem como de organizações quilombola, sociedade civil governantes nas reuniões e audiências públicas por meio do conselho Nacional de Educação (CNE) define, as Diretrizes da educação escolar Quilombola, está inserido no parágrafo primeiro do artigo 1º, incisos I, II, III, IV e V, na forma de resolução a seguir.



I - organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se:

- a) da memória coletiva;
- b) das línguas reminiscentes;
- c) dos marcos civilizatórios;
- d) das práticas culturais;
- e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
- f) dos acervos e repertórios orais;
- g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
- h) da territorialidade.

II - compreende a Educação Básica em suas etapas e modalidades, a saber: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação do Campo, Educação Especial, Educação Profissional Técnica de Nível Médio, Educação de Jovens e Adultos, inclusive na Educação a Distância;

III - destina-se ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas em suas mais variadas formas de produção cultural, social, política e econômica;

IV - deve ser ofertada por estabelecimentos de ensino localizados em comunidades reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis como quilombolas, rurais e urbanas, bem como por estabelecimentos de ensino próximos a essas comunidades e que recebem parte significativa dos estudantes oriundos dos territórios quilombolas;

V - deve garantir aos estudantes o direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais e das suas formas de produção de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade.

As comunidades quilombolas não estão desamparadas, pois é de responsabilidade da Federação, Estados, e Município de apoiar e oferecer recursos necessários como recursos didáticos as escolas que atende estudantes oriundos de comunidades e implantar a escola quilombola na comunidade, bem como, promover treinamentos aos professores, normatizado no artigo 2º contido nas Diretrizes.

Art. 2º Cabe à União, aos Estados, aos Municípios e aos sistemas de ensino garantir:

- I) apoio técnico-pedagógico aos estudantes, professores e gestores e atuação nas escolas quilombolas;
- II) recursos didáticos, pedagógicos, tecnológicos, culturais e literário que atendam às especificidades das comunidades quilombolas;
- c) a construção de propostas de Educação Escolar Quilombola contextualizadas.

De acordo com as suas Diretrizes a Educação Escolar Quilombola, apresenta todas as etapas da educação básica, citadas nas diretrizes Curricular, trazendo o ensino desde o infantil, fundamental e médio, incluindo os técnicos profissionalizantes, além do ensino para pessoas com alguma deficiência. Está presente artigo 22, relacionado ao ensino étnico-racial, e aparece no artigo 35 no inciso II, dessas diretrizes. Portanto acerca da Educação Escolar Quilombola, conforme informa no título I dos objetivos no artigo 6º incisos VI e VII, com base na legislação geral e especial na Convenção 169 da

Organização Internacional do Trabalho (OIT) ratificada no Brasil, por meio do Decreto Legislativo nº 143/2003, e no Decreto nº 6.040/2007, tem por objetivos:

VI - zelar pela garantia do direito à Educação Escolar Quilombola às comunidades quilombolas rurais e urbanas, respeitando a história, o território, a memória, a ancestralidade e os conhecimentos tradicionais; VII - subsidiar a abordagem da temática quilombola em todas as etapas da Educação Básica, pública e privada, compreendida como parte integrante da cultura e do patrimônio afro-brasileiro, cujo conhecimento é imprescindível para a compreensão da história, da cultura e da realidade brasileira.

Cabe ressaltar a importância das articulações da Educação Escolar Quilombola com educação de povos indígenas e educação no campo, sabendo que a maioria das comunidades quilombolas estão situadas na zona rural, assim é indispensável a observação que se conectam com essas modalidades de ensino sem perder suas características.

Tais articulações educacionais promovem o envolvimento e desenvolvimento de todos, desde quilombolas do campo e indígenas ambos vivem realidades próximas até mesmo bem parecidas, pois os problemas sociais, econômico e cultural enfrentado assemelham-se. O jovem presente na comunidade necessita de atenção das políticas públicas que elas sejam praticadas na comunidade para que não aconteça a saída do mesmo da comunidade, gerando o êxodo rural.

A educação com articulação é essencial, pois faz parte da prática educativa, relacionado ao ensino aprendizagem, para que isso seja discutido no cotidiano escolar, será fortalecido no Projeto Político Pedagógico (PPP) com a participação da comunidade, é necessária a participação popular, pois o que será discutido no cotidiano partiu do indicativo da necessidade da comunidade, assim com a participação e debate gera um interesse dos pais na vida escolar dos filhos, conforme no artigo 31 e seus incisos, e no artigo 32 define o Projeto Político Pedagógico das Escolas Quilombolas.

Art. 31: O projeto político-pedagógico, entendido como expressão da autonomia e da identidade escolar, é primordial para a garantia do direito a uma Educação Escolar Quilombola com qualidade social e deve se pautar nas seguintes orientações:

- I - observância dos princípios da Educação Escolar Quilombola constantes desta Resolução;
- II - observância das Diretrizes Curriculares Nacionais e locais, estas últimas definidas pelos sistemas de ensino e seus órgãos normativos;
- III - atendimento às demandas políticas, socioculturais e educacionais das comunidades quilombolas;
- IV - ser construído de forma autônoma e coletiva mediante o envolvimento e participação de toda a comunidade escolar.

Art. 32 O projeto político-pedagógico da Educação Escolar Quilombola deverá estar intrinsecamente relacionado com a realidade histórica, regional, política, sociocultural e econômica das comunidades quilombolas.

Percebe-se que a Educação Escolar Quilombola no cenário brasileiro é tão importante quanto a Educação Básica para Todos, pois visa o atendimento sem exclusão, traz consigo a informação do processo histórico, que por longos períodos o negro foi excluído de escolas que atendia brancos, e a educação quilombola, vêm como um rompimento dessas barreiras a fim de eliminar as desigualdades sociais promovendo igualdade e superando o sistema capitalista e social.

Portanto a Educação Escolar Quilombola acata os interesses da população afrodescendente, pelo fato de ser excluída da aquisição dos bens produzidos no decorrer do período colonial até o Brasil república.

As representações do processo histórico do negro não são representadas de forma correta, ainda necessitam de muitas mudanças, pois ainda reflete um olhar racista como se o negro não tivesse história, nos livros de Geografia e Historia ainda é perceptível em alguns capítulos que aborda essas questões nas escolas brasileiras, apresentam geralmente apenas o exótico, demonstrando florestas, animais selvagens e a pobreza. Como no Brasil não existisse cultura, tradição desde a participação do negro no processo de constituição do país e formação do povo brasileiro, sendo visto de forma pejorativa com pouca importância ou nenhuma.

Percebemos que de forma indireta a história foi silenciada e camuflada do povo brasileiro e esses aspectos mudaram de certa forma com a lei 10.639/03, que tem finalidade de tornar obrigatório o ensino de cultura afro-brasileira em todas as escolas públicas.

Contudo as existências destas leis que protegem o negro na sala de aula promovendo o conhecimento de sua história e quebrando barreiras na forma de pensar o negro, o que é uma necessidade imediata que é desconstruir um silêncio que perpassou por séculos a verdadeira história do Brasil, trazendo a participação do negro na constituição da sociedade. De acordo com Freitas (2017, p. 49):

Assim, dá-se a construção do imaginário positivo sobre o negro que lutou incansavelmente para sobreviver em uma terra que não era sua e que deve ser visto como agente/produtor/autor de atos heróicos e dignos de ser estudado e aprendido.

A narrativa histórica hegemônica é a narrativa da classe dominante e branca. Mas de certa valorização, informando de fato que ações tiveram esse povo, de indiretamente foram “os pés e as mãos do Brasil”. Nesse sentido foram postas algumas mudanças para ser abordadas, questões simples como substituir palavras, veremos a seguir um quando informando algumas palavras que mudaram.

### **Quadro 3. Propostas para mudanças nos termos e utilizados nos livros didáticos**

<b>Palavras Utilizadas nos Livros</b>	<b>Sugestões de Mudanças</b>
Escavidão	Escravização
Escravo	Escravizados
Contribuição	Participação
Passividade	Resistência
Vieram para o Brasil como escravos	Foram trazidos para o Brasil Escravizados

Fonte. Williem Silva, 2011 *apud* Freitas, 2017.

Podemos perceber que havia muita diferença das palavras sugeridas para uso no livro didático. De certa forma os termos usados escondem um pouco a realidade, e gera uma crítica para debates como conteúdo em sala de aula. Veremos a seguir qual participação e mudanças da educação influenciaram a comunidade quilombola Sítio Lages.

#### **5.1. Comunidade Quilombola Sítio Lages: Influência da Geografia na Educação Quilombola**

Com as conferências impostas para o desenvolvimento educacional para todos foram impostas algumas regras como adotar lei que proibam a discriminação de raça, cor, origem étnica ou qualquer tipo de intolerância isso para todos os níveis de educação, e além de estabelecer programas de assistência financeira a todos estudantes que necessitassem independentemente de cor e raça possibilitando a entrada em instituições com ensino superior. Dessa forma alunos conseguiram sair da comunidade para estudar e retornar a ela seus aprendizados contribuindo para o desenvolvimento da supracitada comunidade.

A geografia tem como proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais, discutir áreas específicas, oferecendo instrumentos básicos necessários para compreensão da realidade local e social. Por meio desta pode perceber como as sociedades interagem com a natureza na constituição do espaço e descrever o lugar em que habitamos, dessa forma identificamos os laços e a identidade estabelecida, bem como compreender as relações do presente com o passado.

Desta forma a geografia estuda o espaço e as relações existentes, pois busca compreender a formação das sociedades, por meio de análise e leitura dos lugares, paisagens, território, entre outros. Assim trazendo uma formação ampla do aluno, e o professor precisa estar apto a trabalhar com didática que aborde a realidade dos alunos no processo de aprendizado.

O estudo geográfico interage com a sociedade e a natureza onde está vinculada com o território, este estudo baseia-se na comunidade quilombola Sítio Lages, então trazer essa realidade para os alunos, principalmente os que são remanescente quilombola. Desta forma foram usados textos, mapas e imagens da comunidade Sítio Lages, para que todos conhecessem a realidade daquele povo e promover o auto reconhecimento daquelas crianças advindas da comunidade. Foram realizadas determinadas atividades que possibilitou um novo olhar aos alunos observar as paisagens em uma outra perspectiva, essa pratica teve como objetivo pedagógico no ensino de Geografia.

**Figura 16. Alunos da Escola Luiz Tertuliano da Paz.**



Autora (2019)

Ao analisar as contribuições da Geografia escolar e da educação, na mudança da comunidade quilombola Sítio Lages, estas, portanto, promover a percepção de identidade de um povo em um determinado território étnico-cultural. Desse modo, a realização dessa experiência usando a educação quilombola no ensino da geografia, parte por um processo histórico desde o período colonial até os dias atuais, destacando o papel dos escravizados na construção do território perpetuando sua cultura.

Nesta experiência, percebemos como as aulas contribuíram principalmente para o estudante remanescente quilombola enriquecer o conhecimento de sua origem e fortalecimento de identidade étnico-cultural, além do mais preservar e defender seu território quilombola.

Foi perceptível a inquietação dos alunos quilombolas ou não, sabendo que a maioria não são quilombolas, assim surgiram muitos questionamentos, nesse caso tivemos um desafio delicado a ser tratado, foi indispensável uma atenção acerca de conceitos geográficos para compreender a necessidade de fortalecimento da identidade territorial quilombola.

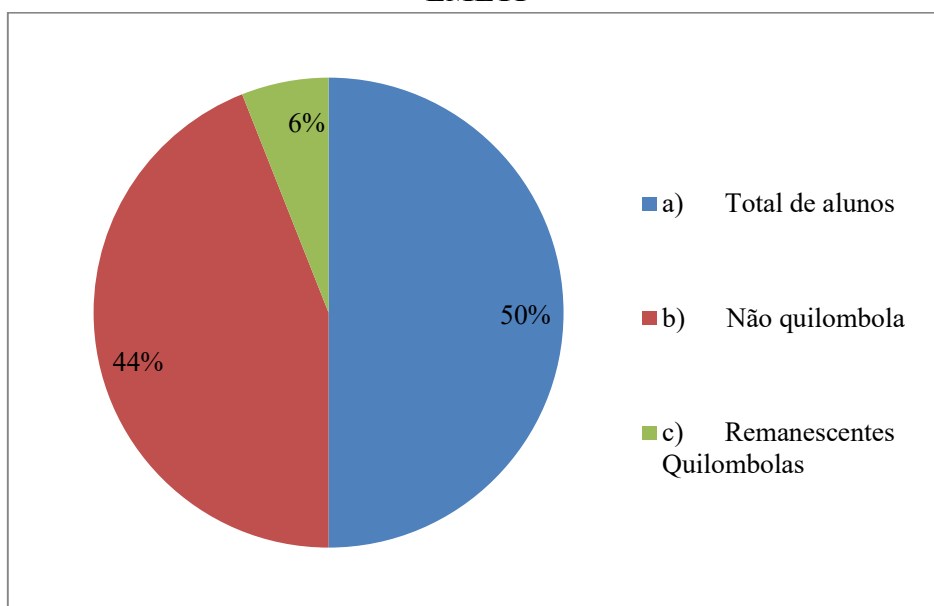
Nas leituras de textos e análises de imagens sempre associando a comunidade pesquisada tivemos um bom resultado, pois havia alunos que não sabiam da existência de uma comunidade remanescente quilombola no município, desta forma não ficou apenas na teoria. Com a Lei 10.639/03, faz necessário o ensino independentemente de qualquer

disciplina, educar para obter uma igualdade racial, e a geografia contribui trazendo a realidade do aluno para sala de aula.

Sabemos que a geografia que costuma ser aplicada em sala traz uma visão superficial, mas é preciso fomentar uma explicativa diferente a partir de conteúdos diferentes. Desta forma contribuir para formação do ser, esta é uma contribuição é um elemento importante para educação escolar, pois busca superar o racismo e as desigualdades existentes.

Os questionários sem estruturados aplicados na Escola Municipal Luiz Tertuliano da Paz teve a finalidade de entender melhor como os alunos percebem essas questões raciais, uma vez que os mesmos buscaram saber quantos alunos remanescentes frequentavam a escola de ensino fundamental. Foi possível observar que 454 alunos estão matriculados no horário vespertino, onde no total são 50 são de famílias remanescentes quilombolas de Sítio Lages. Veremos no gráfico a seguir.

**Gráfico 1: Alunos quilombolas e não quilombolas do turno vespertino, da EMLTP**

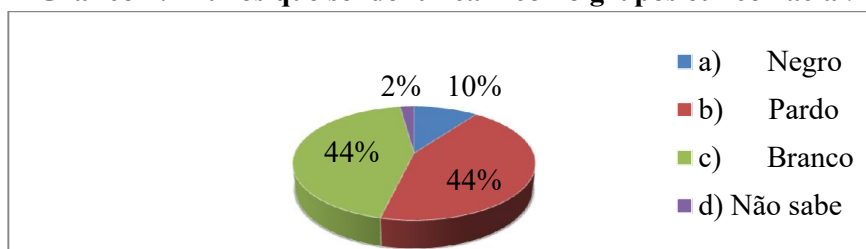


Autora (2019)

Percebe-se que os alunos remanescentes ainda são poucos, sabendo que tem uma quantidade de alunos no Sítio Salinas na Escola Municipal Desembargador Antônio Nunes de Araújo (EMDANA) e na Escola Estadual Professor José Sena Dias (EEPJSD).

Entretanto, de acordo com o segundo gráfico o número de alunos que se identificam como negro ainda é pequeno esse número.

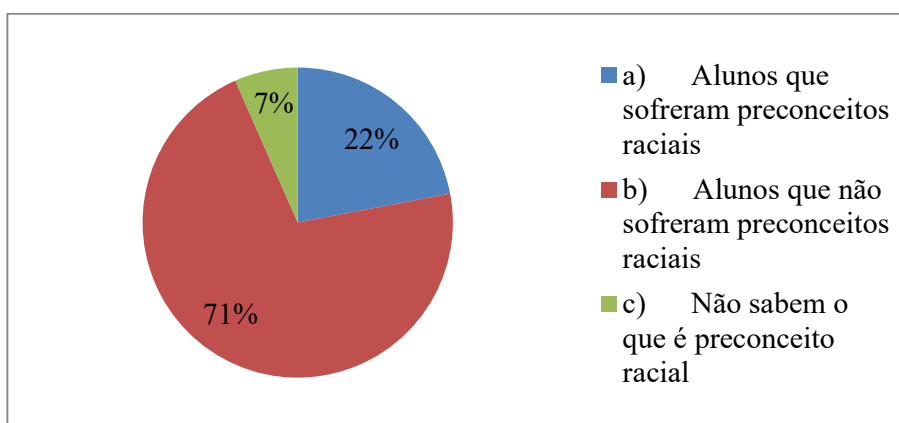
**Gráfico 2: Alunos que se identificam como grupos étnico-racial.**



Autora (2019)

Notamos que o número de alunos que se identificam como negros (as) foram apenas 10%. Nota-se que os alunos negros, apresentam certa timidez nessa identificação por questões pessoais, sendo uma delas o preconceito racial que eles sofrem através das brincadeiras e chacotas entre eles, veremos a seguir no gráfico 03.

**Gráfico 3: Alunos quilombolas que foram vítimas de preconceito racial.**



Autora (2019)

Em virtude de a escola receber alunos remanescentes de quilombo, foi abordada esta questão do preconceito racial, percebemos que 22% dos alunos entrevistados dizem ter sofrido (por ser de zona rural, pela cor da pele) por parte dos colegas e fora do ambiente escolar. Entretanto surge um questionamento, esses alunos que dizem não sofrer preconceito e os que não sabem o que se trata e identificam apenas como uma brincadeira simples?



Ficou a sugestão para a gestão escolar tratar sobre esse tema através dos professores, pois de acordo com o gráfico, maiores partes não foram vítimas desse preconceito, onde de fato o número de alunos remanescente de quilombo condiz com a informação obtida no gráfico. A questão da educação quilombola é pouco conhecida pelos professores de Geografia na EMLTP, o que dificulta a contribuição para mitigar a temática “preconceito racial” na escola.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De imediato percebemos que a comunidade não se encontra como referência no cenário educacional e histórico e que no seu dia a dia busca conquistar seu espaço, pois existe a desvalorização e esquecimento por parte dos gestores do município. Diante do contexto percebe-se que a sociedade vive em constantes mudanças, modificações essas que acabam acarretando de formas significativa no modo social e cultural das comunidades quilombolas existentes.

No decorrer da pesquisa foi perceptível que a comunidade Lages tem o sentimento de pertencimento por aquele lugar transmitido através de sua cultura simples porem com um valor sentimental altíssimo, este povo procura deixar suas marcas para que nunca sejam esquecidas pelas próximas gerações. E é através da história oral e exposição de seu conhecimento herdado pelos mais velhos, para que se perpetue e o desejo é que seus filhos e netos continuem no mesmo ritmo, através da dança do Samba Tebei, nas cantorias, reisado, pífano, entre outros, bem como na preservação do território.

Desta forma constituindo vínculos familiares cada vez maiores. Conseguimos compreender com afinco o que são comunidades quilombolas, como elas se organizaram no espaço geográfico onde no território constituíram famílias, que se perpetuam e buscaram melhorias a cada tempo de existência.

O Brasil economicamente ergueu-se como contribuição do povo negro embora que de forma cruel esse povo não deixou de lutar por seus direitos territoriais, culturais. É a partir do auto reconhecimento que conseguimos identificar as injustiças e a marginalização de um povo que, até então sentiam-se esquecidos pelas políticas públicas do município, não que isso mudou, mas o fato de ser reconhecidos pelo governo é um ponto positivo para a comunidade.

Em relação ao ensino da geografia e a educação quilombola, a partir deste estudo percebemos que a geografia é de fundamental importância e de fato pode contribuir na educação quilombola. E não foi difícil perceber as diversas contribuições para a educação cabe uma formação para professores e ser inserido como parâmetro no currículo escolar.

Nesse sentido a cada capítulo discutido obteve a finalidade de investigação da realidade vivida da comunidade e na escola, desta forma compreendendo melhor, utilizamos procedimentos que em nenhum momento tentou expor a vida pessoal da comunidade, assim obtendo os resultados desejados.

A Comunidade Quilombola Sítio Lages, desempenha um papel importante, na transmissão de conhecimento e cultura tradicional, bem como as lideranças quilombolas que buscam pelo direito da comunidade e muitas vezes não conseguem dialogar com gestores políticos, mas que resistem a cada repreensão.

Em relação a escola investigada percebe-se que os estudantes remanescentes e não remanescentes e os professores de geografia, assumem um papel importante mesmo que com toda limitação busca melhorar o ensino, mesmo que não seja com foco na educação quilombola, mas que houve uma boa comunicação sobre a possibilidade de destacar questões étnico-raciais. Sem esquece dos sujeitos investigados que fazem a diferença os alunos quilombolas e os não quilombolas, entretanto não tenham propriedade para discutir a realidade em que vivem, mas são envolvidos nessa política e sócio espacial na instituição escolar.

Foram diversas dificuldades enfrentadas para entender tal realidade, e vivenciado momentos em um contexto, onde surgiram inquietações, que se mostraram bastante limitada, uma delas é a falta de diálogo entre a comunidade quilombola e a instituição de ensino, desta forma comprometendo a educação de alunos quilombolas, é perceptível que não se trata a questão quilombola em eventos escolares, embora haja um momento cultural que na data comemorativa alusiva a morte de Zumbi dos Palmares.

Outro ponto pertinente, que vale ressaltar é o poder público municipal, quanto ao posicionamento acerca do papel político-pedagógico relacionado às diretrizes curriculares para educação quilombola na educação básica. Sabendo que não há alunos quilombola registrado no censo escolar, não há a preocupação em discutir essa modalidade, embora não haja cobrança das lideranças quilombola.

Portanto cabe rever a Lei 10.639/03 que sugere o ensino de cultura afro-brasileiras para o professor de história, mas que poderia ser usada por o professor de geografia em suas aulas, tentar mitigar o preconceito no ambiente escolar, trazendo leituras

interdisciplinares voltada à realidade da comunidade quilombola Lages. Assim rompendo a falta de conhecimento relacionada à educação quilombola.

Cabe salientar em relação aos alunos, que houve uma autoafirmação como negros e remanescentes, embora a maioria não pertença a essa comunidade, mas que vivem na parte periférica do povoado, então são crianças fragilizadas no seio familiar, pobres, negros que vivem à margem da sociedade.

Diante deste contexto, a Geografia representa um papel importante, mesmo que a educação quilombola seja ausente, consegue criar alternativas para a valorização dos alunos sejam quilombola ou não. Trazendo para sala de aula a realidade destes alunos e de certa forma são avivados através de uma prática que tratam temas étnico-raciais, com a finalidade de revelar um olhar diferenciado para os povos tradicionais.

Assim foi possível identificar nesta experiência que a Geografia consegue discutir acerca de estudos étnico-raciais, comunidades tradicionais, territórios, cultura entre outros. É possível perceber as contribuições para as comunidades quilombolas bem como para a educação e o município. A geografia traz temas que consegue fortalecer a identidade de um povo desmistificando conceito racista ou preconceituoso existente na escola.

A pesquisa nos mostrou a dinâmica sócio espacial no ambiente escolar e na comunidade quilombola Sítio Lages embora ainda necessitem de um olhar social em sua totalidade. A geografia escolar tem suas contribuições que podemos identificar na educação quilombola, pois há uma infinidade de debates acerca deste tema. Portanto os resultados encontrados mostram a necessidade de trabalhar a comunidade quilombola Sítio Lages em relação ao auto reconhecimento como remanescentes e a educação quilombola não apenas na Escola Luiz Tertuliano da Paz, mas em todas as instituições que estejam matriculados alunos remanescentes quilombola.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, GERMANI. **Quilombos da Bahia: Presença Incontestável**. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005. Universidade de São Paulo 2005. Disponível em: <[http://www.geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/geografar\\_amorimgermani\\_quilombosbahia.pdf](http://www.geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/geografar_amorimgermani_quilombosbahia.pdf)>. Acesso em: 20/08/2018
- BARROS, Edir Pina: **Quilombo, Resistência e Movimentos Negros**. 2007 p.06. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/trabalhosacademicos/1300029>>. Acesso em: 26/04/2018.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição Federal do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <[HTTPS://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](HTTPS://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 12/01/2019.
- BRASIL. [Constituição (1998)]. **Constituição Federal do Brasil de 1998**. Brasília, DF: Diário Oficial. 2003. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/.../CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/.../CF88_Livro_EC91_2016.pdf)>. Acesso em: 12/01/2019.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Diário Oficial. 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Diário Oficial. 2003
- BRASIL. **Constituição Federal do Brasil**. Brasília, 1998.
- BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998. 156 p.
- CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. **Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto**. Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, SP, Brasil. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n69/1413-2478-rbedu-22-69-0539.pdf>>. Acesso em: 20/12/2018.
- CASTRO, FONSECA. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.
- CASTRO, Maria Laura Viveiros de; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, educaste, 2008.
- CAVALCANTE, Ygor Yuri de Luna. **O ensino de geografia na educação quilombola: Experiências na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Antônia Socorro da Silva Machado - Comunidade Negra de Paratibe, PB**. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ci/article/view/21622/12815>>. Acesso em: 20/08/2018
- COMUNIDADE QUILOMBOLA SÍTIO LAGES. Ata nº 01.12 de junho de 2011.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Câmara de Educação Básica. Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. Brasília/DF.** Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Res-CEB-008-2012-11-20.pdf>. Acesso em: 12/01/2019.

COSTA FILHO, Aderbal. **Quilombos e Povos tradicionais.** Departamento de Sociologia e Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais.

DUQUEVIZ, Ris Camila. p. 74. **A reurbanização como política social em Gilberto Freyre.** Disponível em: [http://r1.ufrj.br/cpda/wp-content/uploads/2011/09/m\\_beatris\\_duqueviz\\_2006.pdf](http://r1.ufrj.br/cpda/wp-content/uploads/2011/09/m_beatris_duqueviz_2006.pdf). Acesso em: 26/04/2018.

EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA. Disponível em: [http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes\\_curric\\_educ\\_quilombola.pdf](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_quilombola.pdf) Acesso em: 20/11/2018

FARIAS, Ana Maria Ferreira. [ET AL]. Recife: Bagaço, 2007. **Quilombos Alagoanos contemporâneos: uma releitura da história** /Ana Maria Ferreira de Farias... [ET AL]. Recife: Bagaço, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa** / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 4 eds. rev. ampliada - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GASPAR, Lúcia. Quilombolas. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife 2011. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 16/12/2018.

GASPAR, Lúcia. **Reisado.** Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php/>. Acesso em: 09/10/2018.

GOMES, F. dos S. **O “campo negro” de Igarapé: escravos camponeses e mocambos no Rio de Janeiro (1812-1883).** Cadernos Cândido Mendes: Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, n. 25, p. 43-72, 1993.

GOMES, Flávio dos Santos. **Experiências Atlânticas. Ensaio e pesquisas sobre a Escravidão e o pós-emancipação no Brasil.** Passo Fundo: UPF Editora, 2003.

GOMES, Flávio. **Quilombos e mocambos: camponeses negros e a experiência do protesto coletivo no Brasil Escravista.** In: **EDUCAÇÃO Africanidades Brasil.** Brasília: MEC, 2006. p. 123-134.

LIMA, Cristina Maria Garcia de. **Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão.** Rev. Latino-Am. Enfermagem vol.4 nº. 1 Ribeirão Preto Jan. 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/16058/17629>. Acesso em: 20/08/2018

LINDOSO, Dirceu, 1932- **A razão quilombola: estudo em torno do conceito quilombola de nação etnográfica.** Dirceu Lindoso. Maceió: EDUFAL, 2011.

MARTINS, Alessandra Ribeiro. **Matriz africana em Campinas: territórios, memórias e representação/** Alessandra Ribeiro Martins. – Campinas: PUC-Campinas, 2016. P. 8.

MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral.** – Brasília: SEB, DICEI, 2013. Disponível em: [http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt\\_05\\_02.pdf](http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt_05_02.pdf). Acesso: 12/01/2019

MEC/Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial/Secretaria de e Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2004.

MEDEIROS, MEDEIROS, BRITO. **Desafios e Possibilidades da Educação Contextualizada: Reflexões Acerca da Convivência Com o Semiárido.** UFRSA, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Disponível em: Acesso em: 12/01/2019.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo.** 3 ed. São Paulo: Ática, 1993.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo.** Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, L. K. do. **Identidade e territorialidade: os quilombos e a educação escolar no vale do Ribeira.** 2006. 159 f. Dissertação (Mestrado em geografia física) universidade de São Paulo, SP, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-01122015-175909/.Php>>. Acesso em: 10/12/2018

PAZ, Agostinho Soares da. Entrevista concedida a Maria Almeida Soares. Comunidade Lages, município de Piranhas, Alagoas, 08 de junho de 2019. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice desta monografia]

PORTAL DO MEC. **Plano Nacional de Implementação das - Portal do MEC. Brasília: MEC/Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial/Secretaria de e Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.** 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/fevereiro-2012-pdf/10098-diretrizes-curriculares.>> Acesso em: 12/01/2019.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. **A Atualização do Conceito de Quilombo: Identidade e Território nas Definições Teóricas.** In: Comunicação de resultados de pesquisa/research results. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/asoc/n10/16889.pdf>. (Ambiente & Sociedade - Ano V - No 10 - 1o Semestre de 2002). 10/12/2018

SECADI. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola/Ministério da Educação Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão –Coordenação Geral de Educação para as Relações Étnico-Raciais.**

SILVA, Igor Luiz Rodrigues. UFS. **Comunidade Quilombola “Chifre do Bode: identidade étnica, memória e preservação”**. In: XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE e PRÉ-ALAS BRASIL. Teresina – PI / 2012. Disponível em: <http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT08-01.pdf> Acesso em: 30/12/2018

SILVA, Jose Bezerra da. **Educação Escolar Quilombola: Limites e Perspectivas**. Palmeiras dos Índios. 2015.

SILVA, Tácia Gonçalves da. **Historicidade Da Identidade Afrodescendente Na Educação Escolar Da Comunidade Quilombola De Paratibe: Um Estudo De Caso Sobre O Autor reconhecimento e o Racismo**. JOÃO PESSOA-PB 2015 Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2033/1/TGS24052016>. Acesso em: 13/01/2019

SILVA, Valdélcio Santos. **Rio das Rãs a luz da noção de quilombo**. Revista Afro-Ásia. 23 n. Salvador: EDUFBA. 2000. p. 267-295.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Quilombos no Brasil e Singularidade de Palmares** - Maria de Lourdes Siqueira, 2015.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. RODRIGUES, Rosiane. **Piranhas: retrato de uma cidade/** Rosiane Rodrigues – 2. Ed. rev. e ampl. Maceió: EDUFAL, 2013.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes; CARDOSO, Marcos. **Zumbi dos Palmares Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

SOARES, Maria de Almeida; SANTOS, Gileide da Silva; SANTANA, Gutemberg Santos de. **Comunidade Quilombola Lages: Identidade e Conflitos**. In: XXIII Encontro Nacional de Geografia Agrária (ENGA). Universidade federal de Sergipe 2016. Disponível em: [http://enga.com.br/anais/GT/GT%209-%20Comunidades%20tradicionais,%20quest%C3%A3o%20de%20g%C3%AAnero%20e%20juventude%20no%20campo/Maria%20de%20Almeida%20Soares;%20Gileide.d](http://enga.com.br/anais/GT/GT%209-%20Comunidades%20tradicionais,%20quest%C3%A3o%20de%20g%C3%AAnero%20e%20juventude%20no%20campo/Maria%20de%20Almeida%20Soares;%20Gileide.docx) ocx. Acesso em: 10/09/2018

SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. **Quilombos identidade e história**. / Laura Olivieri Carneiro de Souza. 1. Ed. – Rio de Janeiro: nova fronteira, 2012.


TEIXEIRA, Beatriz de Basto. **Parâmetros Curriculares Nacionais, Plano Nacional De Educação E A Autonomia Da Escola**. UFJF. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=11970-221112resol-8-cne-pdf&category\\_slug=novembro-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11970-221112resol-8-cne-pdf&category_slug=novembro-2012-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 30/12/2018. Diário Oficial da União.



## APÊNDICE

### Figura 17. Certidão de Auto reconhecimento

Fonte: Arquivo retirado da COMUNIDADE QUILOMBOLA SÍTIO LAGES. (2019)

  
**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES**  
Criada pela Lei n.º 7.668 de 22 de agosto de 1988

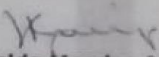
**Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro**

**CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO**

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção n.º 169, ratificada pelo Decreto n.º 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do processo administrativo desta Fundação n.º 01420.007117/2010-16 **CERTIFICA** que a **Comunidade de Sítio Lages**, localizada no município de Piranhas/AL, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 013, Registro n.º 1.443, fl. 059, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n.º 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, **SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTES DE QUILOMBO.**

Eu, **Maurício Jorge Souza dos Reis**, (Ass.)....., Diretor do Departamento de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília/DF, **20 de dezembro de 2010.**

O referido é verdade e dou fé.

  
**Edvaldo Mendes Araújo**  
**(Zulu Araújo)**  
**PRESIDENTE**

SRS QD 02 LOTE 11 - Ed. Eley Meireles - Brasília/DF - CEP: 70070-945 - Brasília - DF - Brasil  
 Fone: (0 XX 61) 3424 0101 - Fax: (0xx1) 3424 0145  
 E-mail: [df@palmares.gov.br](mailto:df@palmares.gov.br) / Site: [www.palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br)

"A fidelidade do negro é uma fidelidade guerreira" (Wally Salomão)

**Quadro 4: Entrevista Semiestruturada, concedida pela ex-presidente da Comunidade Quilombola Lages.**

Questões	Resposta
1. Para você o que é quilombo?	São pessoas descendentes dos quilombolas onde eles se juntamos fugitivos dos engenhos e de fazendas.
2. Qual foi o motivo e/ou forma que se originou a comunidade quilombola Lages?	Alguns da família, Soares com conversaram com os mais velhos, perceberam que existia a possibilidade de ser afrodescendente, e conversando buscaram os direitos do reconhecimento.
3. Como se deu o processo informal e formal de formação da comunidade quilombola?	O grupo de pessoas da mesma família que discutiu a possibilidade de se fazer reconhecida nacionalmente descendentes quilombolas.
4. Qual o tipo de etnia dos componentes da comunidade?	São descendentes étnicos, são várias famílias cadastradas, que já possuem o conhecimento étnico. No dia 27 de dezembro de 2010, a comunidade quilombola foi certificada pela Fundação Cultural Palmares. A referida comunidade é composta por 53 famílias, porém ainda lutam pelo reconhecimento do território.
5. Qual o ano de instalação inicial das famílias quilombolas na região? Vinham de onde? Como foram recebidos?	No início do século XIX vieram da região canavieira de Pernambuco, eles foram os primeiros da região.
6. De que forma as famílias adquiriram a terra onde se instalaram?	Foram terras adquiridas por posse na época em que chegaram e posteriormente por herança.
7. Quantas e qual o perfil das famílias que compõem a comunidade?	53 famílias.
8. A comunidade mantém que tipo de organização socioeconômica?	Agricultura e pecuária de subsistência.
9. Qual a política organizacional política da comunidade?	A política de desenvolvimento social, ou seja, moradia, educação, saúde e tem acesso a algumas políticas públicas social do governo federal.
10. Os membros da comunidade têm consciência do que se trata a luta quilombola e sua importância na sociedade?	Sim, embora não são todos, mas a maioria sobrevivência com dignidade.
11. Como se identifica a comunidade quilombola perante as outras comunidades rurais e urbanas da região?	Identifica-se pelos costumes, pelos atos, pela cultura e pelas cores.
12. Do início até hoje a comunidade sempre cresceu ou teve épocas que alguma família abandonou a região?	Sim, por ser um lugar muito difícil teve algumas famílias descendentes que se afastaram da região, por falta de apoio das políticas públicas muitas

	famílias tiveram que se deslocarem para outra região.
13. Os membros da comunidade se reconhecem como afrodescendentes?	Sim, pois muitos deles se orgulham de ser quilombola.
14. A comunidade mantém algum traço cultural tipicamente afrodescendente?	Sim, o samba Tebei e reisado.

Autora (2018)

**Questionário semiestruturado concedido pelos alunos da Escola Municipal Luiz Tertuliano da Paz**

**1. Alunos quilombolas e não quilombolas do turno vespertino, da ELTP.**

- a) Total de alunos
- b) Não quilombola
- c) Remanescentes Quilombolas

**2. Alunos que se identificam como grupos étnico-raciais.**

- a) Negro
- b) Pardo
- c) Branco
- d) Não sabe

**3. Alunos quilombolas que foram vítimas de preconceito racial.**

- a) Alunos que sofreram preconceitos raciais
- b) Alunos que não sofreram preconceitos raciais
- c) Não sabem o que é preconceito racial

## ANEXOS

**Figura 18 e 19. Identidade e aceitação cultural. Família S. P e O sertanejo que luta e vence a cada dia. Morador Z. R.**



Dados da pesquisa (2018).

**Figura 20 e 21. Identidade da cultura negra. Morador L. S. sinônimo de coragem e resistência. E pipoca de caco, alimento ate hoje usado na mesa dos moradores da Comunidade Quilombola Sítio Lages.**



Dados da pesquisa (2018).

**Figura 22 e 23. Alunos construindo um mapa mental da comunidade quilombola ate a escola. E construção de um desenho representando a comunidade quilombola Lages.**

